

Junho 1988
ÚLTIMO DIÁRIO - Maio, 12/1991.

meu nome HARRY LAUS
endereço Padre Roma 60 ap 1101 cep 88010
~~tel~~ Florianópolis - SC - Brasil
tel. 0482 - 236111

1987

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	D S T Q Q S S 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	D S T Q Q S S 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	D S T Q Q S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

planejamento semanal

JUNHO

semana de 13 a 19/6

segunda - 13

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo - 19

1

1980

- x De Cans Per
- x M7J até 82 (na auto) a partir de agosto
- x F. Nôcia (primeira celebração, 9/10/80)
- x 930/4 → "diagrama por f. onde veio
levar De Cans Per"
- x 13/1 - em FLN - O Estado, entre as
pós década de 70. (pasta verde)
- x Junho/80 - Praia (após. Smly)
- x Journal da Memória 13/1/80
Duo morto, auto posto

semana de 27/6 a 3/7

JUN/JUL

planejamento semanal

segunda/27

terça

quarta

quinta

sexta JULHO/1.º

sábado/2/7

Floripa - São Paulo

domingo 3/7

São Paulo - Rio - Recife → Paris

1980

planejamento semanal

JULHO

semana de 4 a 10/7

segunda/4

Paris - Saint-Noyaire

encontro em Paris of Claire

quinta/7-8 St Ny

terça/5 St Ny

quarta/6 St Ny

sexta/8 St Ny

sábado/9 St Ny

Chapa foca

domingo/10

Chapa Claire

4

1980

planejamento semanal

JULHO

semana de 18 a 24/7

segunda/18

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/24

5

1981
1

Mensagens de uma lanchonete sem prazos certos

planejamento semanal

JULHO

semana de 25 a 31/7

segunda/25

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/31

6

1981

planejamento semanal

AGOSTO

semana de 1 a 7/8

segunda/1º

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/7

7

1981

planejamento semanal

AGOSTO

semana de 8 a 14/8

segunda/8

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/14

1981

planejamento semanal

AGOSTO

semana de 15 a 21/8

segunda/15

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/21

$$\frac{1982}{1}$$

B/S e O Santo Marconi
A Natsani, Nel Vinu para fixar: 2/2/82
Requis de 17 meses: 6/2

Bonitas de 17 meses: G/2

(de point 80 a 100. 42)

Dr. Daktas - Museum: ~~Indig. 64~~

a partir de 12/2 entro em licença
de 3 meses...

- Venda de calças: 16/7
ver 4/7

semana de 22 a 28/8

Agosto

planejamento semanal

segunda/22

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/28

10

1982

planejamento semanal

AGO/SET

semana de 29/8 a 4/9

segunda/29

terça

quarta

quinta/1.º SETEMBRO

sexta

sábado

domingo/4

11

1982

planejamento semanal

SETEMBRO

semana de 5^a a 11/9

segunda/5

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo/11

12

1982

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

13

1983
1

- 6.^a viagem à Europa: Ibiza, Paris
- Crônicas na revista "Os Cadernos de la Península"
- 18/12 - O Estado, entrevista p/ Raulín

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

14

1983

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

15

1983

planejamento semanal

semana de

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

16

1983

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

17

1984
1

7.ª viagem à Europa: Iliza, Peni
D. Motiara: Conto de 1872 A (parte superior)
na parede de uma parede

planejamento semanal

semana de

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

18

1984

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

19

1984

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

20

1984

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

21

1984

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

22

1985
1

Heptacnemus
guillem-dictator do MASC →

planejamento semanal

semana de a

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

23

1985

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

24

1985

planejamento semanal

semana de

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

25

1985

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

26

1985

semana de _____ a _____

planejamento semanal

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

27

1986
1

Dt. 88 - membro da CNAP
Monte Claro: operação de limpeza
(ver jornal de 11/11/86)

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

12

28

1986

semana de _____ a _____

planejamento semanal

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

29

1986

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

30

7986

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

37

1986

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

32

1987

1

Do lado de Zent dos Chapas, pela
Mezendo Rento

8.ª origem: New York, Europa

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

33

1982

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

34

1987

semana de ____ a ____

planejamento semanal

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

35

1987

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

36

1987

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

37

1988
1

- R. Rincos de Zénon de Plais
(Ann.)
- Indicador Catavina dos A.P.
- 9.ª Lixen à Empor: St Nazaire

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

38

1988

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

39

1988

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

40

1988

semana de ____ a ____

planejamento semanal

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

41

1988

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

42

1989
1

"Gardim" e "La Primièr Balli", sept.

"Caixa d'Agua", out.

- origem: Uija, França.

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

43

7989

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

44

1989

planejamento semanal

semana de _____ a _____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

45

1989

planejamento semanal

semana de ____ a ____

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo

1989

Pisólogo: - quase dois anos antes nascem morte
o 7º filho (2).

- ~~Vitorino~~ (2)
- casamento (4) depois de ~~casamento~~
- casamento, filhos morte ~~casamento~~ = 1930
- 2º (7)(9)
- 3º de ~~casamento~~ de 1932 - Vasco (7)

1ª parte: a Saboniteira - a celosa (13)
a exploração de folhas da locustina (16)
o ~~prato~~ (17)
muito aos ~~dezenas~~ (18)
- a descoberta do verde, ~~primo~~ ~~dezenas~~ (20)
- 7 anos (25); jan. 1939 (mas há
referência ao ano)
- Olio ~~partir~~ do azul (34)
- Natal de 1939 (40) três o ano.

2ª parte - janeiro de 1946 - foto em dia 30 = 14 anos
(45)
diferença de ~~folhas~~ - ~~antes~~ de 1945 (46)
chimpanzé (47)
Marjorita (48)
distúrbio glandular (51)
olhos verdes (52)
o ~~prato~~ (73/74)
a ~~maria~~ (75)
cha' em ~~casamento~~ de ~~luzes~~ (83)
em 1945 (88) três o ano
de ~~casamento~~ de 1945 (92) três o ano

3.^a parte
- o 1.^o período (125)
numerados de 1951 - até a data

Junho de 1988 (anotação dia 12) ¹
primeiras ideias para outra novela,
que poderia chamar-se O NINHO.

As ideias têm surgido aos poucos.
Tempo de um dia? Tempo presente?
Lugar: o terreno de Porto Belo com
as três casas, uma necessidade de se
liger e de se.

Damiana e os lembrações: comer
um doce: vem a memória de muitos
gostos e doces que se comem em toda
a vida, em vários lugares, feitos
por diversas pessoas. Fixar-se
no momento importante, em um
lugar importante, em uma pessoa
importante.

Talvez seja continua, sem dividir
em capítulos.

Enterrar um cachorro morto, por
exemplo, vem a lembrança de
muitos enterrados, com a recordação
e momentos, lugares, pessoas.

Isto se repete a propósito de
perfumes, roupas, músicas, paisagens,
comidas: olfato, tato, audição, visão,
gosto.

Então, as personas (personagens) iriam se definir de a medida que sensação momentânea provocam a lembrança de lugares (espaço) e de momentos (tempo) até se definirem completamente. Isto permite misturar tempo e espaço em relação aos personagens, arbitrariamente, sem seguir a natural, nem de tempo nem de espaço. Uma lembrança pode reunir as mesmas personas, em lugares diferentes ~~em~~ em tempos diferentes. Assim, uma person velha que aparece pode ser a filha (ou o filho) de uma person nova que aparece simultaneamente na lembrança.

Confundir tempo e espaço em relação ao existir. Uma assembleia de personas vivas

e mortes. Peria de mais força ³ e fora descrito na primeira pessoa e no tempo presente.

Os personagens? Talvez minha família com nomes dife-
rentes, meus amigos e conheci-
dos ao longo de toda a minha
vida. Uma multidão.

O título me ocorre (embora
possa under united eyes) pela
ação de sitio, lar, quarto de
dormir, banheiro, cinema à
escuras, teatro, campo de fute-
bol, tribuna, avião, carro, trun-
cheira, trunche. Um entre
lugares pequenos onde se decide,
se resolve, se pensa nos coisas
mais importantes da vida.

Personagens:

Meu pai
Minha mãe
Ester - Zim
fructi -
Alasti -
Cora -
Ruth -

Estela -
 Jaime - Plínio
 (Eger) -
 Alceu -
Opé -
 Plínio -
 Dino - Dino
 e mil outros!

Haverá uma estória em nós
 haverá uma estória?

O homem chega no lugar
 (espaço) e vai se lembrando
 de tudo (tempo). Para que
 ele (Eli?) chega lá? Por
 que se lembra de tudo?

Pode ser: vai, como vai lá
 de vez em quando; e pensa
 porque não pode deixar de
 pensar. Ou se compra um
 pensar à procura de fatos
 que permitam a Eli es-
 crever uma história? Eli é
 escritor. Quando Eli faz

é terceira pessoa. Mas não.
 "Tudo está em empesar". É uma
 frase que me ocorre. Foi dita por
 um professor de espanhol que
 teve na Escola Preparatória de
 Cadetes - EPC - em 1941. Aliás,
 era o título do texto de leitura.

O que preciso é comprar um
 dicionário espanhol que o meu
 a Dória com um pedaço.
 Está no Morólofo.

"E ali ficam meus cemitérios
 de lírida desilusão, à espera que
 a lei da terra os transforme em
 ciprestes e granito" - Torça

Dia 13 - Lei da terra
 - limites do corpo, de uma canal de
 Di' Redue e Tanito.

O útero e o túmulo limitam o
 corpo. A alma tenta expandi-lo.
 Alma é vida; corpo é morte. (desenvolver)

Dia 12 - O livro "Literatura Brasileira",
 de José de Nicola, sobre o Pseudo-
 mo:

"... a oposição entre a matéria e o espírito, a purificação, na qual o espírito atinge as regiões etéreas, o espaço infinito. Em última análise, a oposição entre o corpo e a alma, só é conseguida ao se romperem os laços que a aprisionam ao corpo, ou seja com a morte"

No livro que imaginamos, não há oposição entre corpo e alma.

Há aliança. O corpo é o conduto da alma que tem interesse em mantê-lo vivo porque a morte vai aniquilá-lo, também, com ela. O corpo que fica não poderá dizer: "Alma minha gentil que te partiste".

No caso de desastre, ^{incidência} ou doença prematura, a aliança se rompe bruscamente. No caso da morte natural, por velhice, deve ser também (imaginamos) um triste diálogo entre corpo e alma, porque nenhum dos dois pode evitar. É a dualidade individual. "Se ela suspende o voo, o voo suspende..." (Raimundo Corrêa).

26 de junho - Quilém foi a Poste Belo, cenário do livro. Vi Raulo Pedruschi representando o

"Furco Preto" para a crucificação e muitos outros, na Festa da Varinha. Logo pela manhã em Celesti me contaram a história de um padre que foi educado por um Bispo e queria ser Bispo. Depois para a Igreja Brasileira e vestiu-se de bispo, indo desfilá-la sua pompa por horas.

(Disponibilizar também os versos).

- necessidade do politismo: a subordinação da igreja católica e a criação de centros; os "diversos" Novos Senhores (da glória, do poder, etc... etc...); os "diversos" Novos Senhores, etc.

27/6 -

- Fij de ti, por mim, tudo o que puder. Circular em cada círculo de teu sangue. Novo pacto acabar. Adeus!

2/7 - modum pade

Leis em Fancie Mangues (O Amor em Tempo de Colera) que "cada qual é dono de sua própria morte".

Vai para a pág. 10

Saint-Nazaire, França

18/7 - Estou aqui desde o meio-dia de 4/7. Embarquei em Flo-
ripa dia 2, sábado, pernoitei
em SP no Hotel Nambucaia. Domingo,
dia 3, saí de SP a Rio, deí a Recife,
de Recife a Paris, onde cheguei às
5.30hs de 2ª feira, dia 4. Mudei de
aeroporto, do Charles de Gaulle para o
Orly onde encontrei Claire Cayron.
Reembarguei para St. Nazaire, onde
sou Escrivão da Maison des Écri-
vains Étrangers, por dois meses.
Para me fazer companhia por algum
tempo, está comigo Joca Wolff, prem-
jornalista garçom que mora em Flo-
ripa.

Muita coisa tem acontecido
nestes 15 dias de permanência em
St Nazaire.

Mo que se refere a meu trabalho
de escritor:

Nos três primeiros dias, escrevi
um conto "A Primeira Bola", sobre
a história de um conhecido meu que
fo abandonado pela mulher, despedan-

- "no Hotel Nambucaia e lá suicidou-
se. Joca gostou muito. Ele tem bastante
leitura, escreve bem, é inteligente e
muito aplicado a seu trabalho de jorna-
lista. Hoje, dia 18, foi a Paris especia-
lmente para entrevistar George Melchior
e mandar a matéria para família.
Tem 23 anos, completados dia 16/7.

Claire passou aqui os dias 10, 11,
12 e segue a 13 pela manhã bem cedo para
Bordeaux.

Eu lhe havia entregue o "Tempo-
Será" no Orly e ela chegou com o livro
lido. Fez muitas restrições, acha que
Vitorino está bem definido, Rêno não,
enfim, sente-se que se decepcionou.

Mas, francos foi o julgamento de
Joca que leu o livro a primeira e a se-
gunda partes. Fez-me uma pergunta
em disse-me uma coisa que me
destruiu completamente. É que eu
falo e exijo dos artistas plásticos uma
constante renovação, inovação, bem ser
contemporânea, e faço um romance
corrido, linear, sem qualquer audácia
narrativa. Só por esta constatação,
valeu à pena convidá-lo a vir
encontrar-me comigo.

Vai para a pág. 12

Para' que, isto conflua com
minha ideia?

A alma não é dona da morte:
luta pelo aperfeiçoamento do corpo
para prolongar sua permanência.
A morte é o esgotamento da alma.
O corpo permanece ali que a morte
já afundou e vai pro. Mas a
alma não quer a morte do corpo
porque significa a própria morte.
A morte traz o esgotamento da alma.
A morte, portanto, é física.

A respiração, a circulação do sangue,
os movimentos são a vida. Vida
tem relação direta com a alma.
A vida não é a alma. Então haverá

três coisas a considerar? Alma,
vida e corpo? O corpo, como conduto
da vida, mantém a existência da
alma. Ou vida e alma se confun-
dem? Ou que forças e poder têm
uma sobre a outra? Se o
domínio da alma fosse absoluto sobre
a vida, o corpo não cometera tantos
desatinos.

O corpo só é sensível através
da vida. Então, vida e alma

são entidades interdependentes por-
reim subordinados às forças físicas
que sustentam o corpo?

(Falo sempre pensando no corpo
que caminha para a morte pelo
caminho natural do envelhecimento.
As mortes prematuras, por doença,
desastre, suicídio, são acidentes não
sugados pela vida e pela alma) (A
morte natural é o limite da vida,
o esgotamento de todas as possibilidades
de sentir, sentir, sentir; a conduta
espiritual da alma é uma espécie
de esforço que nos envolve
mas que deixa de existir, simpli-
mente, quando não tem mais o
respaldo, o apoio da vida que
conduz pelo corpo)

No caso de uma doença: o corpo
é o que fica; a vida é a coisa que
se desvanece. Não há alma. (?)

Pode-se dizer o mesmo do animal?

Deve haver a diferenciação entre
corpo-vida-alma.

O que preciso é ler os filósofos para
saber com qual deles estas ideias
se afinam para não precisar ter-
minar nada!

À partir d'un long paper avec o foca, no noite de 13/7, verifico que, realmente, o livro é tudo o que diz foca e pensa Claire. Tentei ver alguma coisa e achei tudo comiqueiro, banal, apresentado da maneira mais banal possível. Mas não como pude me enganar por tanto tempo. Lembro-me de lutas que abandonei, deste livro, por achá-lo fraco, e de outras leituras que me encorajaram. Vêo agora que minha auto-crítica é vacilante, falta-lhe estôfo, ou sei lá o que.

Fico muito enraivecido quando todos que leem "Zeno", aqui na França, elogiam o livro. O mulher do "Maire", disse que deu-me um facto um balé por Maurice Béfart. Fico enraivecido quando Claire elogia o Zeno, Gandina, o Coronel, outras histórias --- do passado.

Perá que fa' dei o que tinha que dar? Tenho certeza de que o "Monólogo" é bom e que "O Santa Máximo" não foi terminado, pelo menos como se espera que seja. Mas o "Tempo-Pain" realmente acabou toda a minha segurança, depois de que falei com Claire e foca; depois de eu concluir que ela tem absoluta razão.

Uma das coisas que Claire me disse é que eu não sou romancista, que sou contista. Isto sempre pensei. Eu queria provar a foca Durado, que sempre escreveu de mim um romance, que eu seria capaz de fazê-lo. Pois não consegui.

Eu pensei que havia sido a grande parada que o Murm me obrigou, o que me fez desistir de mim e abandonar — praticamente — a literatura. Deantei que, ao deixar o rumo e retornar o livro, quase 3 anos depois, não percebi o que agora vejo claramente. O livro não se mantém. Que fazer?

Vejamos o que me diz Claire de "A Última Primavera Bala". (R)

última, como escrevi inadvertida-
mente, seria para mim? Mas
creio. Ou o livro foi dado? E
preciso fazer algo tão bem como
o "Manólozo".

Florianópolis, madrugada de
24 de fevereiro de 1989.

15

Imagineri, para refazer o
Tempo-Será (mas posso perder o
texto todo, a que me dediquei
tanto tempo), poderia haver
um personagem-leitor que
iria lendo o livro aos peda-
ços, saltado, sem coragem
de encarar-lo diretamente.
Esse personagem seria um
escritor, leitor de uma editora,
participante do conselho edi-
torial, que recebe o Tempo-
Será e outros livros para dar
sua opinião. Como o livro
foi escrito na 3ª pessoa, por
um narrador, a intervenção
do "leitor" poderia ser na
primeira pessoa e no tempo
presente. Parágrafos do livro
trazem ao "leitor", parágrafos
de sua própria vida e há

o confronto (auto biográfico ou não).

Talvez seja uma maneira de enriquecer o livro. Minha ideia é reduzir bastante o volume. Ou não? Com a introdução do luto-mitico, quem sabe até o livro não cresça?

Dcho que preciso comprar um computador!

Madrugada de 18/2/89

Para uma novela:

- uma jovem poeta, casada, dois filhos, enovelar-se sexualmente com um professor (morar em Motel)

- uma velha poetisa reaparece-se pelo poeta.

- a mulher do poeta descobre e termina com o professor. Envolvendo na pequena cidade.

- a velha poetisa suicida-se. Ou então... o poeta suicida-se

17
e a poetisa define em sua solidão.

É preciso estudar os personagens e suas línguas:

- Poeta
- esposa
- professor
- poetisa

A solução melhor virá com o desenrolar das diversas situações.

Primeiro título que me ocorre: "Sombra". (Temho a mania de ter, em primeiro lugar, um título).

Madrugada de 21/2

A lua está começando a se esconder atrás da fachada do novo prédio construído em frente ao mar. Mais doze andares a serem concluídos por mês e meio! De todo o tempo que levou a ser construído, o edifício não deixou duas marcas: um ~~edifício~~ opulência e luxu- riosidade frente à fachada do 5.º andar, pouco antes dos setes da manhã, e outro que caiu o avião russo do 6.º andar e morreu. A construção vai

me lembram também que
serviu de "furo" para um
artigo que escrevi, a pedido
de Claire e que foi publi-
cado no DC de 13/4/88 sob
o título "Tradução e Cultura".
Com o mesmo título traduzido,
"Traduction et Culture", saiu
no boletim de traduções liti-
rárias da França, DFLBS, de-
c/88.

Mesmo não foi para escrever
nada disto que me sentei aqui.
Quis para definir os personagens
de "Sombra" — a "la" que
usa este título.

Poetisa: 70 anos —	Herta
Poeta: 30 —	Alceu Perez
Esposa: 28 —	Maricela Mora
Professor: 50 —	Bráulio Quirino
Interpretante: 40 —	Claire

(tirados os nomes ao felhear a
lista telefônica)

4.40 de 22/8

Commei então a escrever a
novela (ou conto). Cambirela
é o ponto mais alto, que circunda

Floripa, na Serra do Mar. Deho que
vem andar o título para

CAMBIRELA

porque Herta ha'de dizer no final:

— Cambirela, esse me venceu
emto de tempo.

Depois de tudo ocorrido, ela estan-
só na sala, ~~ou~~ o vento traz
a voz da locutora do terminal
Rita Maria encerrando a vida de
outras pessoas, e a vida de
concluir: "Bom dia, bom dia,
queiram dormir e para o
embargo a boa noite".
Herta sent vontade de voltar ao
mesmo tempo para todos os
lugares.

Lago, Charles, Joaquina, Blumson,
Lopina, do fregues, Porto
Algre, Japuna do Aul, Tubarão

"Vão-se os anos ficam os dedos".
Nada mais errado. Vão-se os dedos,
ficam os anos... no meio de outros.

Seu corpo parece um prumo o
licor feminino, elaborado
com os melhores exercícios do
ser humano.

23/10/89

Paulo Leminski

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência

vou largar da vida louca
e terminar minha livre doscência

vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito

vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito

então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência

21
rolina: o homem não gera, apenas
semeia.

(mulher e terra)

O coronel semeia os grãos, de madru-
pada acorda-se aflito, etc. Vai
ao quintal e se meteu sobre
a terra da promessa.

será o final.

— X —
Perros que aparecem e a que
é preciso dar consistência:
cap 2 (

— X —
Do homem cabe apenas
semeiar.
A terra que germina.

29 - dependência dos pais, e depois a Natália



11.04.90 Aos 4.15 da manhã.
Perdi o sono e ali tudo o que
está nos primeiros entalhos.
Nas minhas lembranças não de nada.
Quanta coisa passou! (desde
junho, 88). De volta de St
Nazarin - onde Ruth foi escrever
há um, mas não o mesmo.
Escrevi Clarice entre aqui em
entelha de 1988. Foi a filha e
Francine em 89. Escrevi contos,

publicar na França "La Première"
Balle "e "fandane", no Brasil,
"Carre d'Des".

Escrevi alguns contos: "Cam-
brula", "Marin dos Trallos".
Em 1990 fui escrever "A Paisa".
Também vi todo "Tempo-
Reré", cortei metade em
manus e escrevi, entre entelha
89 / março 90, a nova versão
do livro - por insistência de
Clarice - com o título de
"Os Papéis do Coronel", cujo
resultado da leitura estão
esperando de Clarice. Mas não
que pensar do livro.

Como estão vagios e precisados
e fazer algo, ingressei em Porto
Bebo escrever entre livros, sobre
"A Cera", com muitos cores,
que aconteciam lá e pinto
que, sem cena, moram na
casa de Didi.

Depois - desde então - pinto
em retomar entre ideias,

uma autobiografia de "Os
Dois Sexos, isto é: "Tempo
Maduro", a partir dos anos 80.
Foi com a ideia de começar
a organizá-lo que me senti
com este caderno: abri primei-
ra para cada ano, 1980, 1981...
e comecei a fazer anotações para,
depois, escrever. Comecei a
desarrollar esse livro e esse período;
quando escrevi um texto sob
encomenda - "O Pontilhão Secado"
para a RBS fiz um livro. O
texto não foi publicado, e livro
não saiu, sem testes alguns
à secada, escritos por autores
parchos e catavimuses. Enquanto
alunos e "Tempo Maduro" em
um caderneta de anotações
da Visagem 1989, em 11/12,
dia 8 de setembro.

x
13/8/90 - Retorno a ideia de
Tempo Maduro.

5/1/1991

Primeira anotação para
"O Estrário":

Gabriel (Egon): Vol. 6 - 398b (25 de març?)

Miguel (P. Luis): Vol. 9 - 227a

Rafael (Ric): 24 de setembro. Vol. 11 - 320a

João (Cear): Vol. 8 - 163b - 23 de abril

6/1

- A ideia me surgiu num almoço,
sentei, no La Ponte, em Porto Belo,
com meu sobrinho P.L. Fiz um
livro sobre a vida dos pais dele e
dos outros três irmãos que, depois
de muito olhar, encontram-se em
Porto Belo. Eles são muito curiosos
sobre a vida dos pais que perderam
muito cedo. Sabemos de muita
coisa que não contamos, e contamos
reflexos, o que não se fica em profunda
em o entístico, etc. No livro
tudo seria dito, com uma parte
ficcional para dar encadeamento
à história.

- Como montar o livro? O seguinte

dos fatos é muito rica. Poderia ser contada no tempo presente, terceira pessoa, remanescente-se tudo durante uma noite, na festa de São Nvo. Embora que de todos poderia deixar em suspense o final - para o dia seguinte -... ou um segundo livro que punha início.

- Por que "Estuário", sem o "O"?
Porque é o reencontro dos quatro irmãos à beira do mar do PB, como um estuário. Lembra-me do estuário do Rio, em St. Nazaire. O encontro dos quatro sendo a mesma, sem uma espécie de redescoberta do "rio" original, primeiro, o pai e a mãe.

- Os pontos bíblicos para dar embasamento à história religiosa de C. e mãe.

- Bem, o título me surgiu na viagem de outono, sobre PB. Flávia, pela necessidade que tenho de um título para iniciar qualquer texto. Depois, poderia ser mudado.

18/1/91 - Sendo os velhos com a companhia ²⁷ de Jovino e casa na praia do Campiche. Decidi deixar Porto Belo. O que era frívolo, viver casas.

O livro:

Acá: tempo presente do verbo, numa festa de Fim de Ano. O Rio vai aos poucos, levantando a vida dos pais dos quatro filhos, ambos mortos. O Rio conta uma coisa e pensa na complementação do que conta e convém ser omitido. O leitor fica sabendo de tudo, os personagens, não. Mas o procedimento dos filhos comprava-se melhor exatamente com o que é omitido.

Jabiel, 38 anos, "casado", 1 filha.

Miguel, 36 anos, separado.

Rafael, 34 anos, separado.

João, 32 anos, casado, 1 filho

Dulce, a mãe

Julia, o pai

~~O Rio~~

O narrador, que é ~~o~~ se confunde com o Rio, não deve ser ~~o~~ onisciente: apenas relata os fatos que estão acontecendo na festa, em que se passaram na vida dos seis personagens.

Início: 19.01.91

~~Agência~~
Núcleo de
documentação

memórias -

D.L.L.V - UFSC

a/c Prof: Zahidi-

L. Murat

Uma reta Norte. Sul sem cruz
com ~~entre~~ a linha Leste-Oeste,
dividindo o pequeno terreno ^{em}
pouco mais de mil metros qua-
drados em quatro partes quase
iguais. Herança de uma tia,
cada irmão construir sua casa
modesta para a família os meses
de verão junto ao mar. Não foi
feito tudo de uma só vez; ~~de~~
~~destruído~~, só depois de três anos
conseguiram reunir-se para
a festa de São João.

Gabriel trouxe mulher e
filha, mulher e filho chegaram
com força, os outros dois vieram
sozinhos, temporariamente so-
zinhos a maneira de entrar com-
partilhando que a primeira de cada
um, apesar dos filhos, ^{exultavam}
~~por~~ ^{em} ~~seus~~ ^{seus} itinerários. Tanto
Miguel como Rafael tinham ^{vidas}
de longe, cada qual com o ^{seu}
~~seu~~ ^{seu} de encontrar a casa vazia,
depois de muito sono e saciedade.

Julio e Dulce haviam deci-
dido ^{glor} ter filhos: com nome de
santos, e fossem meninos,
e de exemplos, no caso de ho-
mens. Um depois do outro,
com dois anos de intervalo,
vieram Gabriel, ~~Rafael~~
Marquês e Rafael. O nasci-
mento ~~de~~ do quarto, ~~fruto~~ de nossa
dona, ~~marquês~~ de parças que
de repente recorda os acentos
a ilusão da primeira noite,
criou um embarço, inenun-
táveis.

- Não tem mais exemplo.

- Vou chamar de Jorge,
que ~~for~~ ^{santo} ~~premier~~.

Desde menina, Dulce ~~teve~~
grande respeito ~~por~~ ^{para} santo ~~exemplo~~,
~~exemplo~~. Foi tudo sobre a vida
dela e quando ~~apareceram~~ no
filho ficou ~~para~~ ^{para} as noções que o nome
vinha de uma celebre lanchonete de
papas, e I corrigido santo e o
outro dos com grande influência
pública. Embora o filho de Dulce
fosse avesso ao auto - gestão acion
de tudo do futebol - um dado

da vida de Julio II. ~~Ele~~ ^{ela} era parti-
cularmente ~~caro~~ ^{à mulher} esse Papa mi-
cra a continência da Basílica de
São Pedro, ~~no Vaticano~~ e teve um
ritrato ~~fratido~~ ^{replacado} ~~por~~ ^{pelo}
filho Rafael. Quanto a seu
inséprio nome, Dulce jamais en-
controu nele qualquer sinal de
santidade, mas continen-
cia com a raiz latina, ~~doce~~,
doce, que alguns dicionários
aproximam de feliz e ditoso.

Julio, o grande, sempre confun-
diu os ~~santos~~ ^{santos} ~~com~~ ^{com} ~~profecias~~ ^{profecias} de amor e
santos que perambulavam pela casa
nos ~~histórias~~ ^{relatos} que Dulce contava
para ele e as crianças. Se num
campo de futebol ele reconhecia
a distância qualquer jogador, pelo
pote, andar, e um simples chute,
me entre ~~mesmo~~ ^{com} da mulher ~~com~~
~~atando~~ ^{maravilhoso} ~~de~~ ^{de} ~~disrup-~~
ção de seus ideais, em apelo mi-
ser difusos e altamente esboçados,
de ~~seu~~ ^{do} ~~papa~~ ^{papa} montado num
cavalo branco e matando o
chapão com uma lança igual à
que usava quando fez o serviço mi-
litar na cavalaria. ~~Mesmo assim~~
mesmo assim.

for. protetor dos viajantes.

madrugada de 7/2 (2.15hs)

Mãe seix por auto-crítica,
puder com os personagens
vivos, preguiça, problemas
pessoais em suspense (cumprimen-
to com Ruth, compra de
terreno e casa pré-fabricada em
Campeche, saída do Porto Belo,
dividas com a vinda do novo
governo, enriquecimento súbito,
insônia constante, etc.), em
muito mais novidade - mais
mas escrevi neste rascunho.
Há mais: cada vez gosto menos
de "Os Papéis do Coronel".

tarde de 24/2, domingo

Dona Clara Capron minha
retornada da literatura. Isto
aconteceu a partir de dezembro
de 1985, quando recebi dela
um cartão perguntando se
o Zenão ainda estava dispo-
nível para tradução.

35
No ano seguinte, enquanto a
tradução caminhava, voltei-
me a ideia de publicar o conjunto
de três romances: Zenão, A Cachorra
e O Santo Matrisco. O Mercado
Brito concordou em publicar
o Zenão imediatamente e as
edições francesa e brasileira
saíram praticamente juntas:
o Zenão em dezembro/87 e o Zenão
em janeiro/88.

Drum e MASC em julho de 85,
o que me fez interromper o que
se chamaria Tempo-Pena, tra-
balhado em Porto Belo desde 1984,
passando por várias titubanças e
várias formas, imaginando para
ter 7 partes e acabado em apri-
rox 4. Na verdade, o resultado
foi desastrosos, mas eu queria
dejar na França, em 1988,
com o livro pronto. O José
Wolff não gostou, a Clara não
gostou - e eu concordei com
eles.

A luta para a retomada do conto

começar em St Nazaire/88. Era
meio de escrever um texto. Escrevi
A Viagem das Águas, detestado
por Joca e Clair. Era um
elogio da Maison des Écrivains
et de Rio Limal, língua e
idiota (mas tarde, por sug-
estão de Clair, foi cortado pela me-
tade para ela mostrar o texto
ao Mestre da cidade, coisa
que nunca fiquei sabendo se
foi ou não realizada).

Então comecei-me escrever
A Primeira Bola que foi um
sucesso completo. Joca gostou
muito; Clair fez objeções.
Uma intensa troca de corres-
pondência entre St Nazaire e
Bordeaux fez o conto viajar de
ca' pra lá ali que o conto ficou
irrecusável. (Foi publicado em
edição bilíngue em setembro/89
e aqui em Caixa d'Água lá
por outubro do mesmo ano, quando
também saiu faux, alguns

37
de contos traduzidos por Clair).
Foi em St. Nazaire, mistério-
samente, surgiu-me a ideia
de escrever Um Resposta,
um conto elogiado por todos,
conduzido a 8.8.88. (Publicado
no esecrinal Caixa d'Água,
toda cheia de erros e graficamente
terrível, e também em faux).

Foi em 88, de volta da França,
escrevi Revelação, retomada
de um tema que abordara, sem
sucesso, ainda no Rio. Não foi
bem realizado. Quando Clair
o viu, aqui em Florianópolis,
limitou-se a dizer: "E!!".
Mesmo assim, incluí em Caixa
d'Água para provar a mim mesmo
que ainda era capaz de escre-
ver...

Em 1989 escrevi Cambridge, um
conto de que ainda gosto, mas que
aborda um problema sentimental
de Celeste, e um conto "proibido".
Foi no mesmo ano escrevi outro

conto, Mamãe dos Trilhos (aposta/89) que nunca mais reli nem vi se presta. Entretanto, com movimento à França e, ao voltar de lá, retornei Tempo-Peru para refazê-lo, sob influência de Claire Cayron. Reformulei tudo, cortei muita coisa, acrescentei ao Coronel, e acabou sendo Os Papéis do Coronel, sob o qual não tinha amor algum. Realmente não me satisfaz. Não sei escrever romance. (Mande o livro para Claire em março de 1990).

Em abril de 90 escrevi o único conto do ano, A Gaiola. Nada mais. Paro tudo para não escrever literatura. Encontro mil maneiras de burlá-la. Ora é o Museu, ora a coluna semanal da O Estado, ora pequenas pessoas. Pequenas e

desconfiança em minha capacidade de escritor.

Foi tempo que queria fazer esta revista que seria boba, talvez porque "A Notícia" publicou o capítulo 2 de Os Papéis do Coronel. É realmente pouco, sem nenhum rasgo de escrita. De Claire tive coragem de traduzi-lo, o Bonthury, que está aqui em dezembro, pretende publicá-lo em 92. Será! A Drouot 17 me diz que se trata de uma subeditora que não sequer distribui meus livros. Valeria a vaidade de ver um livro publicado em francês para ser lido por ninguém — ou apenas pelos amigos da Maison des Écrivains?

Minha parada literária foi muito grande! Depois dos dois primeiros livros, tive vontade de parar de escrever A Cachorra e Um Relatório — sete a oito anos de intervalo. Não sou um escritor de arte em verdadeira acepção de palavra, sou mais

um produtor, um animador
cultural. Vê-se de Como Ser
e o Indicador. E escritor,
pra valer, também nos sou.
A mesma dualidade incom-
pleta na questão sentimental:
nem ser nem não ser!

Quando Claire esteve aqui,
em outubro de 88, perguntou-me
por que nos retorne o diário
que lhe tido. Eu o mantive
entre 1947-1976, digi ela os
papeis de Ceiza d'Os e
Jandira. Na verdade ele não
vai até lá hoje. Imagino que
o diário terminou em 1958,
em Curitiba. Depois disso
veio o alcool e o sexo — ou
melhor, se intensificaram —
e nunca mais me detive a
escrevê-lo.

Esta tentativa de escrever
Estuário é um de tantos
que tenho imaginado (O Ninho,
O Penúltimo Decada, Tempo das
coisas — um furor de objetos e um

história e o que eles lembram —
Tempo Maduro). Falta-me dedi-
cação, constância, amor à litera-
tura. Como disse Fedard, o
propósito de cinema: "sem esse
amor, não se pode inventar nada,
fica-se paralisado e morre-se
lentamente".

30/3/91 - Passado de Pileúria

Estou instalado em minha
casa do Campeche. Terreno meu,
casa minha, tudo pago. Final-
mente, aos 68 anos, consigo isto.
É uma casinha de madeira,
pré-fabricada, de apenas 7,5 x 6
m, mas uma bela varanda em
L, com 25 m². Doi quartos, banheiro,
sala-cocina. Pela frente vê-se o
horizonte do mar e a ilha do Campe-
che; ao fundo, um monte verde,
grandes pedras, coisa-escura, um grupo
de peste onde o proprietário, Ben
Brasiliense, melta as vacas. Gm-
de paz e silêncio.

Tudo começou em janeiro,

quando Lars foi-me buscar no apartamento para um passeio de carro pela Ilha. Tivemos o caminho do Aeroporto, depois tomamos a estrada para Rio Tavares, Comprido, Morro das Pedras, Brumadão do Pantano do Sul. Depois da ponte sobre o rio Tavares, tomamos à esquerda para Rio Tavares, onde queria ver uma casa que tem alugada por lá.

Mas foi aí que me veio a ideia de ter um terreno por aqui. Não houve muita meditação. Encontramos Ruy Braga, na mercearia Flor da Ilha. Eu o conheci por uma exposição que fez no Armazém Velho e convidou-o a participar do Panorama Cabanense do Volume 90. Tem um atelier de Arts & Crafts, "Caminhos das Artes", ao lado de onde está agora minha casa. Foi ele quem me indicou o paramaneiro Haroldo que intermediou a compra do terreno, um

pedaço de apenas $21 \times 20 \text{ m} = 420 \text{ m}^2$.⁴³ Minha semana foi suficiente para resolver o problema do terreno, ao mesmo tempo que me interessava da construção da casinha. Por coincidência, a única empresa que encontrei no catálogo telefônico, a Top Residência, é cliente de meu advogado Sérgio Martins. Isto me deu segurança na transação.

Tudo isto levou-me a abandonar Porto Belo, pois para pagar a primeira parte do terreno e da casa decidi vender o telefone que tinha lá. Verifiquei, entretanto, que tudo não começa em janeiro mas em dezembro. Ou antes, quando Ruth começou a dividir e doar o terreno de PB e mais duas casas foram construídas lá - de Regina e de Egeu - chegando-se ao acúmulo de um quarto de "minha casa" ser cedido para o sobrinho Ricardo, com a vantagem, o que tolheu completamente minha liberdade. Sem perceber nem privacidade, por que continuar lá? Parece que

cada vez mas me aborrecia a
viagem de ômbus até PB, quase
duas horas quando de carro se
faz em 30 minutos. De lá,
65 Km; até Campochi, 15.

O que naturalmente apres-
sentou minha decisão foi meu dis-
sentimento com Ruth. Ela
estava em Florianópolis, no
meio espontaneamente, pois ficou para
meu aniversário a 11 de dezembro
e para a abertura do Panorama do
Volume a 13. Nesse mesmo dia
chegam meu editor francês
Christian Bonthrony e o jorna-
lista Bernard Brétignière
para me visitarem. Num dos
passos pela ilha, bebi de mais
com Bonthrony e fomos parar
em Santa Catarina de Lisboa.
Lá engrascei-me por um rapaz
e resolvi trocá-lo a meu apar-
tamento. Dissenti com Ruth,
devo tê-la perdido, ela disse
ao rapaz: "Você só quer o di-
nheiro do olho". Por isso
tudo, nada aconteceu, na
manhã seguinte, um sábado,

ela foi-se embora, sem se despe-
dir... Pelo Natal, devolvi meu
cartão de felicitações, onde eu di-
zei que "continuariá com sem-
pre fui". Ao mandar um di-
nheiro pela Celeste, que estava no
Rio, pinte um bilhete sem ori-
nalura dizendo que resolvi
parar o testamento (há um tes-
tamento recíproco entre eu e
ela) para entender porque não quer
que tudo aquilo que conseguir
com grandes sacrifícios seja dado
a meus "vagabundos amados".

Então comecei a pensar que
tudo começara com o tal tes-
tamento. Resolvi dar tudo em vida
e foi limitando minha liberdade,
em PB, para forçar-me a sair de
lá. Pensei muita "cara de pau"
permanecer naquela casa que
deixei com um quarto ampliado,
outro banheiro, mais um quarto
e uma sala-cocimbo.

Em tudo me economizei em
dólares, mais o valor da venda do
telefone decidi tudo. Para que

manter escondidos estes dólares?
Decidem para os sobrinhos?
Sim, mas não decidir esta
casa, depois de terem-lhe apro-
vado o que nos resta de
tempo de vida. Faltam os con-
ta até agora, quando faltam
pequenos detalhes para o to-
tal apuro da casa, lá se
foram 11 mil dólares. Valeu,
porque sinto-me um paz-
zeiro e o mundo.

16/3
Dia 16 de março, com meu
esquadrão Nelson - que começou
desde 1976 e é o "Curitiba" de
"Memórias de uma Cachorra
sem Preconceitos" - fizemos
a mudança de Porto Belo para
aqui, trazendo quase tudo da velha
casa, mas alguns coisas do
apartamento de Florianópolis.
A ideia inicial era deixar a
casa de PB habitável, para
os sobrinhos de Porto Alegre
usarem no verão. Como, neste
meio tempo, Ruth decidiu
vender a casa, distribuí

47
moas e coisas que não queria
trazer, entre Nelson (que vai
construir uma casa aqui no
Campeche para viver com a nova
mulher, Fátima) e Ricardo
(que realmente ficou em PB e casar-
se com a moça de lá que,
afinal, já coabitava em "minha
casa").

Depois de aqui instalado, com
Nelson morando aqui até conseguir
aprontar sua casa, e contando com
Fátima que vem aos fins de se-
mana para cozinhar, restava
se nova evidência em minha
cabeça: qual o sentido de ter
uma casa tão boa, a 15 km
de um apartamento em Florianópolis,
que está pagando - parcelas, cada
vez maiores e mais devidas
idênticas - por mais 11 anos? Mas
a casa aqui é muito pequena
para abrigar a todos e tudo o que
tenho no apartamento. A solução
é vender o apartamento e, com esse
dinheiro, comprar a casa do Campe-
che. O vizinho de meu andar em

Fleurba está mitimado um
compra-lo. Mas nel' deus
apenas-me. Tenho que ir a
Porto Alegre entre 19 e 22 de
abril, levar Celeste para a
festa de seus 80 anos junto
aos "netos" e "binetos". De-
pois, no primeiro dia de julho,
tenho convite para ir a Saint-
Nazaire. Será mais prudente
deixar a nova conveniência
para julho/agosto. Se eu
puder domar a idéia até
lá.

— X —
Hese à noite veio visitar-
me um gato preto e branco.
Cheio de carinho, por certo: eu
havia terminado de fazer
uma sopa e me sentei
para tomá-la. Estou só:
Patrícia saiu pela manhã e
Nelson de tarde, depois de
ficarem até tarde da noite
preparando cestas de Páscoa

49
para o filho dela, o filho dele,
outros enames.

O gato entrou miando, com
João. Dei-lhe um pedaço de
linguiça, queri mais, dei-lhe
tão com margarida, também
e margarida, deu-o ao gato.
Depois foi recolher a casa,
sem mais mais. Quando
sentar-me no sofá, veio para
ser acariciado. Fui para a
varanda e, de repente, o gato
erigiu-se: era um cachorro
enorme e branco gr, ao
me ver, fugiu.

Enquanto vim escrever isto,
o gato foi embora. Espero que
volte.

— X —
Domínio de Páscoa

O patinho voltou. Dei-lhe
para ele. Estava gelado, também
um pouco, volta e meia vai lá
das minhas lambidas. Em vi-
lência, estamos ficando vizinhos:
fa' deitar-se no meu colo e, lige-
mente, espeta-me as unhas na

casas, traves da calça do prisma.

Chove. Não sei como vão alunas com Celeste e as sobrinhas que vieram de Porto Alegre; Marjanna e Tatiana, cada uma com sua filha e os maridos em outros destinos, como acontece hoje.

18/5/91

Por estive sozinho de 8 a 12. Digo um carro, dormi no Campeche e adormeci a casa. Leveo por mais, só de manhã e de tarde. Foi bom mesmo.

x

Depois de pensar muito, decidi de ir a St Nazaire. Telefonei às 7.30 da manhã de 6 para Benthony; ao meio-dia ele me telefonou dizendo que é "indispensable" minha presença e me forçou a voltar atrás; às 15.30 a Vauz me telefonou que a panoplia che-

gara. Nunca vi resolver-se tudo tão rápido. Deu primeiro e na vida, vem a Europa sem vontade alguma. Embora dia 5.6, com velle marcada para 19, chegando a Florença dia 20.

A casa do Campeche - onde escrevo isto - está portosa e cheia de quadros e coisas que estão fazendo de ap. Nelson ainda está aqui e por aqui ficará muito tempo: o tempo que compron deu confusão e, pelo visto, vai perder o que pagou e ficar sem a terra.

Contratei um rapaz que mora aqui perto, o Haroldo, para cuidar o jardim, fazer os caminhos de lajetas, instalar um caixa d'água (pois o poço deu em nada) e meir d'água es-correr como água.

Mas tudo vai ficar como quero.

19/5 - A hora que precede o sono é muito triste, aqui no Campeche. A paisagem é grande companhia: quando a noite encobre tudo, ficamos reduzidos a nós mesmos e a solidão pesa. Será possível suportar, caso eu decidir vir para cá definitivamente? Talvez, com todos os livros, todos os quadros, todas as coisas que me fazem companhia. (Penso que um dia Celeste não lembrará mais).

26/5 - sábado. Meu descontente financeiro com as despesas da nova casa chegou ao máximo. O dinheiro acabou por completo e ainda tenho diversos compromissos a seldar ante do embarque. Minha vontade é pagar tudo hoje e embarcar amanhã, para me livrar desse tormento de esperar - daí por

53
diá - que tenha como soldar os compromissos. Mas tenho que esperar até dia 3, até véspera da viagem, para ter o salário do Museu e começar a ficar livre de algumas preocupações; até dia 5, dia da viagem, para receber do Escritório e me liberar do restante. O amanhã do dia 5 será um com-como tumultuado, pois preciso estar no aeroporto às 12.30 horas. Sentirei grande alívio quando o avião decolar. Mas, ironia, chego a São Paulo às 14.45 e o avião para Paris só sai às 22.30. Mas há outra conexão menos estranha.

27/5 - Joca Walff esteve aqui na casa do Campeche ontem à noite. Primeira visita noturna, sem contar Ray Braga, meu vizinho artístico plástico.

Gosto de cultivar a amizade com Joca, fortalecida com nossa con-

viveu em St Nazaire, a
grande viagem pela Bretanha,
e ida a Amsterdam, nome, papos
sobre literatura.

O projeto atual, mesmo mas supri-
do por ele, é escrever minha bio-
grafia para ser publicada em 92,
quando completo 70 anos. Porém
censuras, grandes que, depois de
transcritas, ficam dando a forma
que entender. Ainda não sabe-
mos bem como será, o que
resultará, mas, de qualquer for-
ma é um projeto que me in-
teressa. Talvez para ele eu
tenha coragem de contar coisas
que sempre censurei em mi-
nha literatura. Valera a
para? Para quem?

24 de junho, 91

De volta da viagem que
transcorreu bem, apesar de
injeções do dedo grande do pé
esquerdo, ocupado por um bicho-
do-pé. Como explicar ao mi-
dico o que nota num bicho-de-

55
pi? A única coisa que pode ex-
plicar é que se trata de um
"inseto" parecido com uma pulga
que se alimenta, de preferência,
sob as unhas do pé. O mi-
dico disse-me ser especialista
em doenças tropicais, parou-
me entre bichos e uma espé-
cie de tuntura merthiolate para
passar. Andei o geral três
dias que fiquei no Hotel de
la Plage, em Saint-Mar-sur-
Mer (St Nazaire) de san-
tarilhos. Bem, minha cader-
neta de anotação de viagem
conta tudo o que se passou
entre 5 e 20 de junho.

Estou escrevendo isto no
apartamento de Florença. Ainda
não foi a Campêche porque
tem chovido e feito muito
frio. Rodolfo, filho de Estela,
está aqui passando uns
dias: veio de Porto Alegre
para acompanhar a Celso

durante minha ausência.
Osteim andei à volta com
a morte do artista Ernesto
Mayer Filho que foi velado no
Museu. Desde a madrugada
até à saída do enterro, às
16 horas, tive de ser outra
vez, e por força das circun-
stâncias, o director do Museu.

Assumi o compromisso
moral com Claire de escrever
novo livro. Mas fosse ela,
nos terra brandos como
encontro em Bordeaux
com Bouthomy e Perera
San Martin, quando Jicon
decidiu a publicação pela
Dreane 12, em fev 92, do
romance "Os Papas do
Coronel".

29/6/91 — INÍCIO DO LIVRO
a partir de uma ideia surgida
a 5 de Janeiro, em Porto Belo

3/7/91 — Passei a noite em Campede,
onde vim a pedido de Ray para
ajudar a falar um sistema para
um encontro sem que ele que
fozer com uma equipa de ini-
ciantes em cinema.

Apresento para pôr muitos ideias
em funcionamento para o novo
livro que já comecei a escrever:
"Estrutura". Ali agora, o livro tem
tre em 4 partes. A primeira
chama-se A Espera, A mãe, Elza,
que já morreu, fala na primeira
pessoa, vivendo o passado, enquanto
espera a chegada dos quatro filhos.
A segunda parte chama-se A Viagem
Dá breves um narrador, terceira parte
que vai descrever filho por filho, suas
vidas até o casamento e a construção
das casas. A terceira parte vai se
chamar A Chegada, voltando a
mostrar a ser feita pela mãe,
primeira pessoa. O desfecho tem
ou nos uma quarta parte. Isto ainda
é uma neblina que vai esclarecer-se
com o desenvolvimento da seq.
Vejamos no que dá.

Osteim fez uma carta para

Livraria Real, do jornal O Estado,
describendo-me de coluna su-
mamal. Era um pretexto para
em fugir da literatura. Res-
ta-para, e, volto ao MASE,
sem nenhum interesse.
Preciso organizar o tempo para
dedicar-me ao livro, profes-
sionalmente, nos próximos
horas da manhã, já que
me acordo sempre de man-
drugada!

9/7 - Flm.

Antes à noite cheguei à
conclusão de que o título
"Estuário" não serve porque
não sempre realize a meta que
me inspirei. Perdi o sono
procurando outro título. Depois
me fixei em "A Voz Inaudível"
que me atraiu muito;
prefiro simplesmente "A Voz".

21/7 - Domingo, madrugada, Campidão

A casa está pronta, de novo.
Mandei fazer uma parte da
varanda, com paredes envidraçadas;
a porta de entrada mudou de posi-
ção e a janela virou porta, ven-
do-se um ambiente em L para
as áreas comuns, incluindo sala
de visitas, "comedor", cozinha;
criei-me mais um quarto (agora
são três) com armário embutido
que ocupa o quarto da sala de
refeições; outro armário em meu
quarto. Preparei-me para a uni-
ões que, segundo penso, só se
dará a partir de dezembro/92,
quando completo 70 anos e
terei direito à aposentadoria

no integral para deixar o MASE.
Se o fizer agora, o salário será
apenas proporcional ao tempo
de serviço, hoje apenas seis anos.

Quem inaugurou o quarto
novo - que dá para a frente, com
a parede de lado, um divã e
porta de entrada, inteiramente
fechada - é o Sr. Wolf. Ele

Vou começar a trabalhar
e meus experimentos para
ver se sai o livro "Relato de
H.L."

Nada começa bem a festa che-
ga com o caso da mãe com
um pequeno gravador, sem
pilha e sem fita para gravar.
Consequência uma fita usada
com o Ray, fomos comprar
pilhas na mercearia aqui
perto. Logo começa a fazer
perguntas a partir do meu
livro "Os papéis do Coronel",
(em francês seria "Les fan-
tasmes du Colonel" e não expli-
cari adiante). Chegamos à
conclusão de que não é por aí.
Preciso conhecer as perguntas
por antecipaçaõ, seja para
organizar o pensamento,
seja para saber se a resposta
realmente interessa. A
fita, de uma hora de gravação,
não tem 10 minutos úteis
ao livro. Ele a põe de

mas para o empréstado, mas ⁶¹
se informou suficientemente
sobre mim e está mais perdi-
do (estamos) sobre como se en-
festa o livro. Ainda não tem
um plano, mas organiza
um questionário (assunto
por assunto para não me
chegar a ideias soltas sobre
o mesmo tema - o que ficaria
bem no final, quando de-
der a forma que decidir,
mas que, para mim, é muito
conservativo.

Mesma ideia, hoje, e proponho
uma espécie de relatório, para
criar um compromisso mais
sério por parte dele; fazê-lo
entrar em contato mais direto
e completo sobre meus pa-
péis - diários, além iniciais,
levantamento de tempo e espa-
ços de minha vida; estabelecer
algum plano para fazer a transi-
ção dos fatos, mas ele tem seu
modo que não lhe dá

tempo nem paciência para
fazer esse trabalho chatís-
simo.

Como foi iniciado, o
trabalho resultará num amon-
teado de fitas gravadas
com uma multidão de in-
formações desinteressantes
que daí se tem trabalho in-
finito para condensar.
Muito tempo perdido,
muitas fitas gastas, com
despesas ridículas.

Sexta-feira, dia 19, chegou
a tradução do romance feito
por Clair em tempo re-
cord! Dada a má concepção
a edição original e tra-
dução, o que começaria a
fazer amanhã, ou hoje
mesmo quando voltar.

A tradução literal
do título em francês não
tem a ambigüidade do
português: papel papel e

63
papel como representação teatral
(rôle). Clair sugere "Les
jardins du Colonel", porém,
segundo ela, "jardin" tem outro
sentido, pois o francês costuma
dizer que "toda tem um mao
vida un jardin secret". Além
da diferença entre as palavras
jardin e coronel, num a su-
gerir sensibilidade e a outra
"presença". Devo muito bom.

De preocupação com a
reforma da casa (terei in-
ventado para isto?) afas-
ten-me novamente do meu
livro, reche o qual tenho fa-
lado para diversas pessoas,
o que está ficando. Isto es-
taria o assunto e leva a
crer que o estar realizando,
escrevendo, trabalhando.
Falso. Devo viver esse com-
portamento. Guardar para
mim, enquanto escrever, o
que vem depois de domínio

primitivos. Com a leitura com-
parada do original com a
tradução, mais tempo para
jogo de línguas. Quando eu
me apresentar, quero ver o
que vai surgir ou o que
inventarei para nos es-
criver!

25/7 Fln.

Fiz toda a revisão do livro
na 2.ª, 3.ª e 4.ª feiras. Outim
nem fui ao Museu para ter-
minar o serviço. Distendi tudo,
datilografar a contestação (cerca
de 40), escrever para Claire e
bater no concílio: apenas ---
Griff 7.383,00 (cerca de 45\$ 20,00,
mas de 100 f).

A tradução está excelente e tes-
temos feito que muitos erros em
me esquecer de que estava
lendo em francês. Claire
encontra muitos niteti-
fatos que, de certa forma,

acentuam o valor de passa-
gem difíceis de traduzir,
como é o caso da palavra
ovante e da "hoste do coro-
nel", em Coimbra, que para
a ser chamada de "le fardier
du colonel", justifiando os
títulos para quem nos conhece
outros significados.

E o contrato, prometido por Bou-
themy em Bordeaux, nada
de aparecer.

29/7. Fln.

Fui passar o fim de semana
no Campeche.

Boas coisas aconteceram. Re-
encontrei o Cap. D. que Claire tra-
via reclamando, o Joca nos
apareceu e Nelson mudou-se.

Hoje vou mandar para Claire
o novo capítulo, as folhas onde
trouxe notícias e a foto de um
desenho de "Pelo Beck", um re-

trato meu feito em 1985,
tirado de uma foto de jornal
quando assumi o Museu.

Quanto a Joca, torci
para que não aparecesse.
Desde seu aparecimento na
guela norte, completamente
desprezado materialmente
(e espiritualmente), fiquei
em dúvida se daria certo.
Depois, seria correto dar a
um rapaz sem nenhum
preparo específicos um tra-
balho dessa natureza? pe-
o livro não prestaria, como
refazê-lo com outra pessoa?
(Passei a sonhar que Cláudio
seria a pessoa exata).

Nelson, depois de uma
viagem a Brasília com a
mulher, que se lá, voltou.
Desperaram uma casa no Rio
Tavares, cerca de 2 Km da

67
minha em Campeche, e en-
tão pela manhã chegam
um caminho para brin-
tar tudo o que era deles. Depu-
den-mi bastante, o Nelson,
com sua lubilidade para
fazer tudo. Mas a lentidão
em fazê-lo, a presença da
mulher e alguns rapas-
dos filhos (um deles com
outra mulher e um dela
com outro homem) irritou
bastante. Depois, final-
mente, estão só. Vefamos
no que dará.

A foto do desenho foi
feita para mandar também
ao Boulthorn: minha in-
tuição e publicá-lo na 4.^a
capa do romance, edição
francesa.

Do chegar entem aqui,

esperava-me uma carta de Ruth. Metem-se do assunto Campeshe-Celeste (leu a carta que mandei a Estela), dramatizou a situação de Celeste, sugeriu vender seu apartamento no Rio, ir morar em PB e "pagar o aluguel" de meu apartamento aqui para Celeste permanecer nele. É de mais?

3 de agosto, sábado.

No Museu, a espera até a última hora pelas obras de Antônio Mir para sua capotulação. Inesponsabilidades inimagináveis! Em 16.20 horas do dia da inauguração às 20.30, quando veio a carga. Menos um de todos, irritação idem. Ohim! tudo em ordem para a abertura. As autoridades vieram e brilharam com o sucesso de

69
"seu governo". Re nos tirem o dado certo, o sucesso, seja do Museu. Valerá a pena manter este estado de coisas?

Por esta lado, passei a semana em entendimentos telefônicos com farinha Menzes que se propôs a fazer as cortinas para a Varanda nova. Comprei nove metros de tecido para serem cortados em seis pedaços de metro e meio cada um, argolas, suporte de parede, varas para dependurar os panos. Sei duas janelas lado a lado no lado Sul da casa e uma dando para Oeste.

Quando abri o pacote para botar as cortinas, a grande tristeza! Farinha emendou tudo e fez uma cortina! Como abri-la? Não posso admitir tamanha estupidez. Depois de muito me irritar, resolvi reparar uma (o que nunca imaginei ser tão fácil) e pendurei. Claro que há falta de argolas nas estamin-

dado dos pratos, e bairros
precisam ser refeitos, mas
nós tiramos as mãos das famé-
las.

O dia está lindíssimo,
apesar do frio, e Pary começa
a preparar o almoço de sol
no jardim.

8 de agosto

Uma ideia que me sur-
tiu ontem, a propósito de um
conto do ap 1101 e uma foto que
tive dele:

SECRETO

Conto ~~segredo~~, o título
surgiu-me hoje, com a ambigü-
idade da palavra conto.

- 1 - meu retrato por Hector
Centurão,
- 2 - o oratório, sede de Villa
Rica,
- 3 - a escultura em madeira
com as pombinhas de cerâmica
e o ninho improvisado.
- 4 - o retrato de meu pai e
minha mãe

5 - partituras de madeira com
flores de pau, de Celeste.

6 - cingeiro de madeira, com
achas de lenha e modrado, dado
para Celeste. "Lembrança de Joviana",
comprada na feira de São Antonio,
igreja da Pedra Branca.

7 - cingeiro de aço inox, preta-
medas, com rimar.

8 - a arca ou estufa comprada
do Alemão. Tudo o que tem dentro!

9 - a cadeira de couro comprada
no Rio. Com um sapato, junto
com o retrato e o oratório!

10 - a fatinha Maíta, de Celeste,
presente de Gabriela, filha de Tata,
filha de Estela

11 - almofadinha de veludo verde-
agitarre desbotado.

11 de agosto, domingo.

Terminar um continho
chamado "Um Teste Televisivo",
começado no outro fim de se-
mana aqui em Campeche.
Um "divertissement" que ficou
engrande para publicar em

"A Notícia", uma revista tri-
lunar do norte de Noroeste.

X
Chore desesperadamente,
farina não virá, não sei se
poderei voltar hoje a Florianópolis.

X
10.8 | Ontem veio aqui o
Ramon, amigo de Nalvi de
Oliveira. Confirmamos que
ele ficaria um tempo aqui
na casa. Separamos um que
vai dar isto.

X Canto Secreto

O canto da sala pareceu-
me dar uma bela foto. Bati.
A fotografia abriu-me um
universo de lembranças.

- 1 - A gata de lá
- 2 - Uma das reis (a cadáver)
- 3 - A cênica do Olenos
- 4 - Comédia (as meadas ?)
- 5 - Machado e amigos (?)
- 6 - Flores do Bem (?)
- 7 - Rival dos Tempos (a foto do pai?)

8 - O silêncio dos penhos (?)

9 - Oracão do Vinho (?)

10 - Retrato.

X
Com toda a chuva, os passa-
rinhos continuam pensados
nos fios do poste de eletricidade,
contra o céu enizento, com
uma ponta musical.

X 13 de agosto

De minha varanda no
Compêch, vejo uma cabra
branca dentro de uma cari-
nha, no terreno do vizinho.
Parece que nos olhamos e
nos comparamos.

Daria uma bela história,
mas os meros assim: o
homem compra terreno e casa,
prepara tudo e espera uma
pessoa que nunca virá. A
cabra não espera ninguém.
A centena placada entre os

deixar a obscuridade para o
homem que, no final,
traz a cabra para sua
casa e vai morar - em
espera ninguém - na
casa da cabrinha branca.

(Ver Alphonse Daudet,
"A Cabra de M. Pégiv") -

CA-BRA-BRAN-CA

17 de agosto

Comencei a história da
cabra que vai-se chamar
"Distância". Escrevo com
o fim. Faltam o recheio.

20 de agosto

Não sei o que se passa. Tenho
os idílios, apressei-me por elas um
ou dois dias, chego a começar
a escrever, de repente me

75
demitirei completamente.
"Isto não é" de hoje. Claire ficou
esfregada, lendo meu diário,
quantos romances colocados
deixei pelo caminho. "Há"
uma preguiça mental terri-
vel.

Também no museu, nada
me interessa. Com o novo
governo, está tudo pior, o
CIC é um deserto. E agora
a greve, que aperta. Outen
fiz nota para a imprensa
transfere por tempo inde-
terminado as exposições pre-
vistas para dia 29. Mas há
como mentar-las. Isto vai
acabar confuso na progra-
mação feita até dezembro.

Outen, ao chegar ao mu-
seu, não estava mais a expor-
ção de Outen Mir. Com a
greve, levou tudo para o Hotel
Maria de Mar. E que ponto

chegamos!

Dai uma experiencia de
Dito Brasil em um Celica
da Ilha, para dezembro, que
me veio como me fez.
da, me sinto disponivel
para me dedicar a ela.

Com o vó, me da in-
tensidade e falta de entusiasmo
me e só para a literatura.

E de noite chegamos a
dormir: ora no corte, ora no
tubo, ora no perito. Pensei
tudo de ruim, temo compri-
midos, acorda bem. Mas
um minichio pensamento
sobre morte tem me frequen-
tado seguidamente.

79
(Ocorre-me agora que, como o
cargo e de confiança, o salário
para a aprendizagem deve ser
o antigo, isto é, o salário que
tinha no MDS).

Inventamos novos interiores,
novas coisas, terminamos o
levantamento do catálogo do
MDS, enfim, retornar o inter-
esse no campo onde esten-
do onde tinha respeito e apoio
de todos os artistas.

7 de setembro, sábado

Quanta parada, militares
desde 1941! Ou ante, me lembro
fausto de Getulio Vargas,
quando eu fui desfilava com
o Prêmio N. S. da Concórdia,
em Porto Fardo. Hoje, quando
fui visitar um vizinho
Ruy, a televisão mostrava
o "potencial bilionário" brasi-
leiro, no Rio e em Flo-

analisar, intercalando
curvas. Continuar com de
minha vibração daquels
tempos. Hoje, em todo
o Brasil, a data para
um qualquer entre-
vista, a semana de-
correr, um qualquer con-
versa que tiveram re-
percussão. Não representam
os demandas, os desen-
ho e a invalidade de um
governo insensível.

X
Continuo a voltar com a
história da cabra brava.
Agora (por enquanto), chama-se
"O Obstáculo".

10 de setembro

Fiz exames de sangue, urina,
e vários outros exames.

resultados ficaram prontos 5 dias, 81
dia 12.

X
A história agora se chama
"Minha Virgem Inesperada".

11 de setembro

Continuo a muito terminando
cento da obra que passou a cha-
mar-se "Tentativa do Nado"
(a ideia inicial vem de 13 de agosto)

15 de setembro

Terminar de ditilografar o conto
que ficou como "Pentimela do Nado",
com o seu papo. Precisa ser re-
visto.

X
O resultado das radiografias
do pulmão contém a presença
grande de lesões pulmonares.

Outro especialista foi indicado,
onde foi a pessoa que deu
minha indicação tomografia
computadorizada, entre outros

coisas. Imagino que até o fim da próxima semana terá a certeza de tudo.

No meu tempo, também infeccionou um corte no dedo mínimo do pé direito, resultado de fúria em estado misturadamente em Cambedu. De noite de 6^a para o lado "dormir" na poltrona da sala, sentado, porque não podia levantar o pé.

Outra, sentado, meu vigi-ante que os médicos levaram-me ao hospital onde trabalha, em Rio Jari, e foi feita a cirurgia.

Na verdade, as coisas de saúde não vão bem comigo desde 1990. Em setembro foi a reabertura da coluna e o reumatismo. Depois, na França, a infecção do lado do pé. E naturalmente tudo isso me-

83
fazendo para o esclarecimento que ainda não sei como aceitar.

18 de setembro hoje pela manhã fui ao Hospital de Caridade fazer um exame terminal chamado Broncofibroscopia que me mostrou no pulmão uma lesão melanil para exame. O médico cobrou 60 mil (45\$123) pela "ma de obra", com todo o material, enfermeira, etc. do próprio Hospital.

O resultado dos exames será dado na-feira, dia 20. Já 25 faço o outro exame: tomografia computadorizada.

Para complicar as coisas, o antibiótico para a infecção do pé me deu uma tremenda reação que me coça o corpo inteiro.

25 de setembro hoje foi a tomografia computadorizada que também foi terminal, mas de uma boa dura-

do, respira, segura o ar, respira,
fiquei com dor no pulso que
apre-me excruciantemente.

Bom, o resultado do "branco-
copo" foi positivo em alguns
aspectos "positivos para a maligni-
dade", com "quadros citológicos com
características de carcinoma". Envi-
ei ao Dr. Bonami que me dispatchou
para o Dr. Marcelo Cellaco
Paulo que pediu mais um exa-
me: ultrassonografia de abdômen.
E assim vem de novo por outro,
com que ninguém diagnostique com
clarezza e, com o diagnóstico, digam
"que se poderá (ou não) fazer".

O exame que fiz hoje, só será
sabido o resultado dia 1.º de outubro
e o que farei na sexta-feira, matu-
ralmente só pelo dia 3 ou 4. E
assim vai chegar mais um (dia
9) em que nada tenha começado
para me tratar.

29 de setembro - domingo

85

Um fim de semana terrível,
encomendas gota a gota uma amper-
lleta interminável, frio e chuva.
Vai' então para o correio e comprar
máscara; hoje para comprar o jornal
"A Notícia" que traz dois poemas de
Celeste para sua felicidade, e uma
nota sobre o MDSC fechada.

O exame de sexta - a cultura
sonográfica, foi tranquila e disse o
médico que está tudo bem "abaixo
do Eggerador".

Durante vou tentar obter o re-
sultado da tomografia e procurar o Dr.
Cellaco porque me aflijo não só a dor
no peito como o medo de que se re-
tardo complicações.

Não tenho coragem de entrar a
clarar meu Ross antes de minha in-
formação precisa, tratamento etc.

Quê esta querendo vir para
cá. Conforme a coisa evoluir, não
necessário porque Celeste não tem
condições de trabalhar muito, fazer
muito esforço.

5 de outubro, sábado

De novo dos exames em 3.^a feira, dia 1.^o, o dr. Colliques decidiu pela cirurgia por ele, segundo ele, um carcinoma em estágio. O médico falou muito com Ruth que, informada no Rio, achou que a coisa não se ganhava. Bem, mais exames, e por hora para se marcar a cirurgia. Dia 7, tive o resultado de um de sangue e dia 8 febre entre outras coisas de que, um pré-operatório. De pois disso, ter um finalmente a data da cirurgia.

Também ao Museu, mas a quem, embora continue, amansar o pessoal que está indo trabalhar. Estou organizando o que for possível para deixar

trabalho mais ou menos em dia. Depois, entre em licença para tratamento de saúde, depois licença prêmio, depois férias - - - e não pretendo voltar mais.

Ainda em "A Notícia", e que me refiro dia 29/9, quando me desambon do MTBSC. Por ordem superior, foi levada minha saída (mas me lembro o nome do ato) porque eu, sendo funcionário, não poderia dizer o que disse sobre a falta de afeto do governo à cultura. Conta que foi o lapso quem interdita consumação da elevação (essa palavra!) que, naturalmente, irá dar muito o que falar contra o governo. Deu que fui "salvo" pela do-
lência e atuação de fulano.

9 de out.

Antes de iri mas dos exames
a Dr. Collaco - um de sangue
e outro de cintilografia óssea.

O médico "devolveu-me" ao Dr.

Bonasso para eu fazer outro exame e
teste pulmonar de respiração, para o
caso de de tirar um pulmão inteiro.
Deve fazer-se hoje à tarde, depois
de sair do NMSC.

O Dr. Collaco me deu um atestado
médico para 180 dias.

12 de Out.

"A Notícia" de hoje publica o resultado
da reunião do NMSC de dia 9. Dá
uma referência a meu estado de saúde
(sem dizer o que é) e a licença.

O teste pulmonar deu bons resultados,
leve-o ao Dr. Collaco que me
encaminhará ao operador, Dr. J.
Cardoso, com quem estive antes.
Mas não fui de semana para

89

atragar tudo, deixar-me impaciente
em casa e, para complicar a
vida de José Paulo II. Tudo
em função dele, incluindo a
naturalmente os prospectos
para qualquer problema de
tumultos, etc. e com isto a
cumpria não perder a porta
da' pelo dia 23 a 25.

Mais exames, após os pri-
mários: sangue, urina, eletro-
cardiograma. Falei a partir
de 2.º e levei os operados na
4.ª f., dia 16. O Papa chega a
17 e Ruth deve vir dia 19 ou 20.

^x
Telefones de Claire, Ross
e Cery. Uma carta muito tocante
de Vêni, de "A Notícia".

Hoje fez o primeiro dia decente
de Primavera. É feriado por ser
Dia do Arvore, de N.S. D'Amorim -
descoberto de D. Américo. Muito sol!

No telefunho, Claire diz que a
saúde de Ross está pior para mais.

Out. 17 -

Outem luei os novos resultados para o Dr. Cardoso que marcam emergência para 5.ª feira, dia 24, e internamento na reitoria, no Hospital da Princesa, em Celso Ramos.

Ruth chega com Estela no domingo, pelas 12.45 h.

Out 20 -

Ogê chegou outem pela manhã, miseravelmente. Fomos ver a casa do Campesino. Ela voltou a Porta Alegre hoje de noite. Ruth e Estela devem chegar hoje às 12.45.

x

Outem veio carta de Elvira com o contrato de "Le Judas du Ciel" que deverá ser em março. Ela

91

disse que o texto de "Pentecosta do Nada" é excelent e me mandou o livro de Daudet, "Lettre de mon moulin", a propósito da referência que faço à cabana de M. Regin em um conto. O nome da cabana é Blanquette, em vez de Reine Blanche, como eu usava.

22 Out. 4.ª feira

Do quarto (apartamento?) n.º 747 do Hospital da Princesa em Celso Ramos, desde 16.30 quando foi tudo resolvido para minha internação. E não pude mais sair. Ruth foi ao apartamento buscar as coisas minhas para se levar -- mas se sabe quantos dias.

A operação será após amanhã pelas 13 horas. O médico assistente, Bocharit, tem raiva artificial

para testes e um enfermeiro
negro "afro-siciliano" com cabelo
do mesmo sangue para outros
testes. O Dr. Prostut fez um curati-
vo no pé que ainda não cicari-
zou, depois veio uma bela
mulher anestesista que me
fez um monte de perguntas
e o enfermeiro azul cujo nome
ainda não sei.

Entre enfermeiros me trouxeram
um prato de sopa e um pouco
de gelatina às 17.30. Para co-
mer algo mais, o Max Mielle
conseguiu outro prato de sopa
e mais gelatina às 20.30 horas.
De partir de agora, não posso
comer mais nada para operar.

O apartamento 241 é modesto
e desconfortável. Não havia ca-
lides para aquecer, dentro de um
quarto-cama beirado, de madeira;
Não havia lâmpada no abajur
que, a não ser Redish, Ruth

trouxeram (com dois cabides). 93
Vou ser muito desconfortável
para Ruth (e para mim) dor-
mindo no mesmo quarto:
eu durmo mal, me acordando
cada duas horas e um curso dor-
miu mais.

Vejamos o dia 24, da
esperança.

Out, 24

O quartel da 14.ª Brigada Morta
fica ao lado do Hospital e da família
vive o bosque e o casa grande que
segundo me falaram, foi de uma
sociedade alemã, sob o comando
durante a guerra.

Out 26

O que eu queria contar
enunciou para a Srta. e o marido
em que o soldado me feriu,

Sobre as
dores e
morte

os dias de sono e fazer
sua vida normal.

Ficamos aqui por
hoje.

Out 29.

Hoje sinto muito
alguma coisa. Foi tudo
bem. Ruth tem sido de
uma dedicação extrema.
Apesar, uma noite não ficou
no hospital, sendo substituída
pela Dora que ficou
ocorrendo o tempo todo e
deixou um relatório belíssimo.

Amanhã vou para o
apartamento.

E fico pensando na gra-
vidade do meu exterior no ar.

Vida. Preciso fazer alguma
coisa séria para justificar
esse acúmulo de tempo.
Quanto mais faltaria? Como
produzir papéis? Apenas 7 meses
de 24/10/91 a 27/5/92. Pagou com verdade
deixa e brilhante luta pela vida. R

4 de Nov

No apartamento desde a
manhã do dia 30. Hoje comple-
taram-se 11 dias da operação que
me "abriu uma avenida" de 40cm
a partir da altura do meu
busto, passando em arco pelas
costas, com 33 pontos. Domingo
à tarde vou tirar os pontos e
ver o que mais vai acontecer.

Por fim de tarde, comecei a
dormir intensamente e só termino
com uma sensação de voltar
- que eu acho - mas com prêmios
para dormir, e que me dá alguns
horas de sono.

Estou retornando ao Rio sábado,
dia 2. Além de seguir com a fusão

avertidos, ainda me ajudam nos
bepesos. Agora fica somente
a Ruth, com a Celeste, na-
turalmente, mas ainda me
fazem sair sem movimento-
me muito. Dito ler e escre-
ver é difícil.

13 de Nov 4ª feira

internação: 23 ant.

operação: 12 hrs de 24 ant

altera de hosp:

20/11 - 4ª feira - Terças

As duas despedidas apresentaram
outra polmea: vi para o Hospital
S. José de Terças. Para receber mais
o apoio - estão muito fracos e usam
analgésicos com o sono e mais dor.

Passou o fim de semana com
floripa num colunho Esquerdo
Ruth, que se foi ficando o son

97
bomito Rodolfo, filho de Estela,
que passou um tempo maior
com Celeste. Todos com
equi hoje se troça, um caso da
FCC. Gatinho sempre dominado
para escutar e até ler. Gaudes
seus, poderia por escrever, agred-
cer outros, de carta e telefone-
mas, sem animo para nada.

As ideias tão amarradas
que o melhor é deixar tudo de
mover.

21/11/Nov. Terças

Rivera das doas, passe a um fim
depenhado num posto com sono, tendo
pouco mais de um metro de liberdade
com a cabra Alecrim.

Campeche, madrugada de 30/11

Pela primeira vez, a casa do
Campeche dorme repleta: Ruth,
Celeste e eu, cada uma no seu quar-
to, mais Rodolfo, filho de Estela,

no sofá de varanda.

Quem nos trouxe foi César, filho de Cora. Belsos e mais belos com todo o necessário para se ficar até à tarde de domingo, quando já será dezembro.

Voltamos de Tiquia na segunda-feira, dia 26, de ambulância em Uluru BR-1, com segurado pelo prefeto, a pedido de meu primo Celso. Os dois continuam. Aparecem e desaparecem ser das coisas; principalmente nos fins de tarde e começo de noite. Então só se acaloram quando Ruth me explica uma coisa.

5ª feira fiz uma sessão de acupuntura. Não sei se adiantou alguma coisa. O mistério persiste também numa joia homeopática. E na terça-feira próxima irei a outro médico que faz uma coisa

chamada "quelacão", que me tem a menor ideia do que seja.

Flórida, 7 de 97

Uma vez por dia, infelizmente, me sinto marcar bem, as dores atacam um picadinho. Não tem lugar exato: ora nos ombros, ora na cintura, ora ao longo da espinha, ou da coluna e ali no braço direito. Ruth me dá uma injeção e dentro de alguns minutos tudo passa ou durmo algumas horas. Então a gente vive na incerteza de atingir, como na guerra ou na epidemia.

Hoje é o 44º dia de afecção. Vou fazer Quelacel que é uma aplicação de póss embebido de urtiga, etc. para suprir faltas e retirar excessos, com o acompanhamento de quatro remédios

que foi comover o tumor. Para
a velhice. Foi o indício que
com o andamento do trata-
mento a dor cedeu. Fiz a
primeira aplicação 5-2-1
e farei a segunda na segun-
da próxima.

No fim de semana no
Campeão trouxe novos lem-
branças antigas: bróchos de
fé. Já aconteceu comigo. Enfi-
mar, a empunhada, foi tiran-
tes e o opubo dele (ao lado do mi-
m) de fé direito está negro.
Terei de esperar mais uma vez?

Comencar a dar o bró-
cheto pelo ato de escrever --

11/12/91 - 69 anos

Agora é dia de receber
vinte e telefones, que já
comencaram. Mas a dor

101
continua me atormentando, sem
risco prévio, pela madrugada.
De grande?

Consegui escrever cartas
para Claire (robo e limo de
Plymouth) e para o Ross, contando
tudo por alto. E viro carta
de Ceres convidando para ir no
Verde europeu combray sua
casa-museu em Lagrange
ou ir à Iliza. Haverá ainda
alguém sentido para isto?

12/12/

Ontem, mais de 50 pessoas se mani-
festaram por telefone, telegrama ou
pessoalmente. Fiquei feliz com
tanta consideração, vindo de tantas
partes. Agora é preciso começar
a pensar em como organizar
o tempo que me sobra. Ontem
fiquei impressionado com o telefo-
ma de minha Olga com 89 anos!

Modançada de 14/12

Ontem, enquanto fazia a
gulacosa (3 horas recitando verso),
li parte do livro de Daudet,
"Lettres de mon oncle" que
claire me mandou a pedido
meu. No final há uma cro-
nologia de escritores. Parece um
fazer a ruína e estar imogi-
nando como se a vida. É
interessante e poderia ser um
ponto de partida para a pre-
tensa biografia, além de
excelente ocupação para os
tempos de convalescência.

Estamos imovendo in-
para Porto Belo dia 20 e ficar
por lá até o fim do ano. Com-
peço vocês que vai ficar muito.

21/12 - Porto Belo

Chegamos ontem à noite,
numa varanda do Blum, e
numa noite de cansaço a

talvez toda, incluindo um tele-
vivo, terradina e outros confortos.
Chegamos Ruth Celso, eu e, como
mestre o Blum, Francisco,
filho de Matilde. Inicialmente
bem-sentido e no bom humor,
espera dos transtornos causados
por uma ligeira gripe e
hábito de caminhada pela B.R.
Tudo sedado, porém, no a-
lto limão: recultado 4.50
minuto de viagem, foram
aniquilados para 130.

Travessia horas e dormi-
to para ver o fim a Crono-
logia.

24/12 - Véspera de Natal

Deixo Tocado o projeto da
Cronologia e cheguei a 1949 (27 anos)
mas agora começo a fazer ele-
mentos de pesquisa que ficaram
em Florianópolis. Vou ler de fazer
uma parte das datas e completa-

los depois.

Entem recibi um cartão de Alfredo Costa de Plumerida, com quem fiz um filme de arte em 1962, dizendo que novo filme sobre Bruno Giorgi vai ser apresentado num documentário sobre grande escultor. Fiquei muito feliz!

27/12

Cheguei, na Cronologia, a 1964, o ano em que deixei o Escrito. Depois, lembrando desde 1922 com a documentação que eu trouxe, parece que o simples seguimento do currículo é suficiente para completar o levantamento. Mas preciso da máquina de escrever para fazer logo o defini-

tivo.

E quanto aos comentários, por demais cruz, não sei a que se referem. Não vou negar de publicar isto agora, ou algum dia. Em momento ou lugar de que e de quem? Toda essa experiência, dolorosa em longa, deve ter servido para outra coisa que não seja uma decepção.

29/12 - domingo

Entem continui a leitura do livro de Chaves, "Estorvo". É um livro magico, com uma linguagem feliz e inesperada, com a apresentação de fatos que tanto tem de real como de surreal. Cria uma atmosfera de sonho ou sonambulância, uma "viagem" como dizem os drapeados, que nos condiciona e atrai para

o que não se sabe se é verdade
ou mentira. Não sei se o
livro, sem a sustentação de ou-
tros obras, permanecerá. É
como um belo filme que
não delirita, agrada e diverte
mas não deixa marca pro-
funda na mente. Como, para
mim, "O Senhor", de Kurosawa.

30/12 ~ 25 fev

Antes, Ruth contou o cubinho
da certidão: fora Flávia Lucas
muito magnífica eletrônica e
boa com a data de nascimento a
Cronologia. Já descobri vários
erros. Minha memória anda
mal....

Antes telefonei para Cha-
teaugirou e falei com Cláudia
que está em casa de Felipe
Duran. Já conheço

o conto "Pentimento de nada" ⁷⁰²
(que eu acho com sentido de
ampliar).

1992

03/01

A noite de ontem para
hoje, n.º 70 desde 24 de
outubro, dia da operação,
foi a primeira em que
não foi preciso tomar
medicamentos contra a dor.

Salve!

x

Seu pensamento em ampliar
a Pentinela, agora que ter-
minei a Cronologia, com
o acréscimo da parte já
escrita do próximo vo-

manuse. Mas tenho pena
de não explorar o assunto
exatamente como romance.
Ou haverá uma maneira
de lançar os dados e, mais
tarde, abrir todas as portas
do assunto para amplificar
a história?

04/01

Mais ou menos como tem
sido pensado até agora a
história (contada em novela)
seria tratada em quatro
partes, conforme consta da
anotação de 3/2/97, com
o seguinte enfoque:
1 - a espera; 2 - a viagem
3 - o encontro; 4 - a despedida

109
A grande novidade é que
na quarta parte (final) desfez-
se a ilusão do encontro, com a
revelação (no final) de
que a mãe está morta.

07/01

Voltemos então a Floresta.
A única tristeza é que as
plantas estão quase todas
mortas.

18/01 Campeche

Vim com Ruth passar o fim de
semana por aqui. Pentionei-
tes bem que a dor não apare-
ceu e dormi sem problemas.

Comprei uma geladeira nova
para o apartamento, a do ap.
Vou para cá e a daqui foi

para a casa do Nelson, que
precisa de uma, pois Fátima
pretende fazer comida congelada
para fora e já tinha comprado
um freezer. O outro peladinho
pequeno, que foi minha em Porto
Belo, acabou indo para a casa
de Buldo, aqui no Campeche.
É um estranho ciclo eletrodomés-
tico em que todos ficaram sa-
tisfeitos.

19/01 - domingo

Dois noites consecutivas sem
necessidade de medicação para as
dores. Dia 24 são 3 meses;
que bom que fosse o fim das
espantadas noturnas.

Sem vontade alguma de escrever.
Leio os sonetos de Camões, uma
edição de bolso comprada em
Bordeaux, 1982, numa pequena
livraria portuguesa.

111
João Wolff está aqui ontem para
ver o quarto que estamos combi-
nando para ele usar, facilitando
as entrevistas para a biogra-
fia. Sete dias de férias: dei-
xando-o morar aqui? dou-lhe
o direito ao futuro lar?

Vamos decidir um fim de
semana, o caso da moradia,
pois espero a vinda de Ross
e de Moacir Blumstein, este
antigo amigo de Rio-SP.

2.3 obs de moderação de 21/1

Depois de três noites de tréguas
(sexta, sábado e domingo), a dor voltou
e me obrigou a acordar a Ruth.

x
Minha aparente dor não saiu no
Diário Oficial de 02.01.92, amine-
da a 30.12.91. O D.O. chegou
tudo um tempo, esperando o do
dia 31.12 — o D.O. do acerto por
das contas do governo.

26 de janeiro

Ruth fez ontem 72 anos. Veste,
flor, vinho, visita de Data, Matil-
de, João, telefonemas, presentes.

Recupero-me lentamente, o
corpo dolorido (sem mais
injeções) e os braços sem forças,
principalmente o direito.

Penso muito para escrever.

O dinheiro cada vez mais escasso
para tudo.

Nada a acrescentar.

27 de janeiro

Ona 25 dei uma carta a
Ruth sugerindo que ela fosse
morar entre Porto Belo, Flor-
nópolis e Campestre.

A resposta foi a seguinte:

113

Harry, como veio uma
carta, aqui vai a resposta:
acostumei-me a viver só
e à minha maneira há 50
anos. Em uma emergên-
cia como esta, a gente lar-
ga tudo, mas vamos de vapor.
Viver cada momento até o
dia 10. Depois se já estiver
bom, irei ao Rio de Janeiro como
se vive lá. É meio século
de hábitos e modus-vivendi.
Experimento, afinal, o que o
destino nos trará. Mesmo
porque, nada se faz sem o
seu dedo intruso.
Estarei contigo sempre que
necessário.

R
26-1-92

2/2/92 - domingo

Quatem à noite, a pequena
atmosfera abriga nove
nipees.

7/2/92 - 5ª feira

Hoje terminei de catalogar
a entrevista que dei ao Celso
Miguel em 1983 e que estava
em "O Estado". Foram 21 laus-
dos, de 30 linhas a 60 linhas.

Meses dias, organizar o livro
dos 20 anos, para possível lança-
mento em dezembro, com um
levantamento de minha atividade
como escritor e crítico de arte.
A entrevista com o Celso é para
o livro. Também escrevi ao
Renard Perry e ao Fredrick
Morris, pedindo que escrevam
um capítulo sobre o escritor
e o crítico de arte. As notas

concordaram, já o livro
menor, sem tanta impor-
tância e menor interesse.
A Regta, da Fundação Prom-
teus Lentes, garantiu que
conseguiríamos o livro. Vejamos. Títulos:

"Tempo e Andanças de Harvey
Law", Mas não, tudo
começa em Porto Belo com
o levantamento da Cronologia.

10/2/92 - 2ª feira

Quase tudo que depende de mim
para "Tempo e Andanças" está
pronto: cronologia, coordenação de
todas as entrevistas, iconografia (a
completa), obra publicada (albores),
obra escrita (em livro e jornais),
obra crítica (em livro e jornais),
jornalismo de arte (estatísticas) e
níveis cronológicos (incompleto).

Falta-me escrever a abertura

de quem, que só poderia es-
crever se Renalda Frederico
mandarem (grande mandar
um e se mandarem) o
texto.

15/2 - sábado

Desde ontem à tarde
agui no Conjeche, com
Ruth. Celeste foi para
um hotel de férias em
Ingelima e fica por lá
até 4ª feira de amigos.

Renalda Frederico con-
cordam em escrever os
textos para mim, Van
mandar mais material
para facilitar-lhes o tra-
balho.

112
Hoje pela manhã escrevi
um pequeno texto sobre a atual
situação da MASC, chamando
a atenção dos entes para o
discurso com que vem sendo tra-
tado. Título: "O Mame e as
Caravanas da Póden" (PDS,
PMDB, e o atual). Tentarei publi-
cá-lo (54 linhas de 60 toques).

Moderação de domingo

Entre os remédios que tomo,
figura um muito estranho que che-
go do Rio em vidrinhos acondiciona-
dos com pelo menos cinco de res-
ta. Descoberto através de minha
sobrinha Tatiana, filha de Esti-
la, quem precisa ir voltar-meia
a Nativari para o misterioso
remédio e mandá-lo de avião e
entre sobrinha, o Egon, filha
de Cora. Digam que está

desobediência, supa com feijão
ignora completamente, serve
para amargar o câncer, este-
crônica-lo em estípe-lo de
-y. Como nunca se sabe
se que ponto a cirurgia foi
exata, tudo as modrapedras,
desde 24 de outubro de 1997,
entre 3 e 5 horas, tomei 30
potes de mistério numa colher
de sopa de agente de alva.

De uma coisa já foi
consequência: depois de tal
dose-alvorada, não consigo
dormir mais. Hoje, por exem-
plo, para ocupar o tempo
(ainda não amanheceu) re-
desenhei o projeto de reforma
desta casa, mas uma vez,
para ampliar meu quarto,
fazer varanda nos fundos
e abrir porta na cozinha.

119
Mas, não sei quando será
homem fazer isto porque
não há mais dinheiro.
Dias, a situação nunca está
pior: tudo mais tudo pior.

Modrapedras de 19/2-4a

Delúrio! O recrutamento do
FGTS, Páez, e Faria 157, entre
antes-outras e outras, desobediência
e tranqüilidade por um tempo.

Segunda-feira à noite tive
uma explosão de comportamento
absolutamente enorme. Uma vi-
lente discussão com Ruth, fiz
uma revisão de minhas "histó-
rias" que, cada vez mais, vão mi-
nando novo relacionamento.
O último: prometi pagar-lhe o
tratamento de quimio, desde
dezembro (no meu entender re-
viso uma forma ridícula de

retribuir tudo o que vem
fazendo por mim, embora
em retribuição seja infes-
sível). Por isso Hotel elle
me presenteará com uma noite
de camêtoes. Deitaré con-
trariado. Na segunda-feira,
sem que me dê verga, diz
que o camêtoes, sem
pode compensar minha despe-
sa com a guelacal - - Podê?

Deitaré pela manhã, antes
de sair, para a guelacal
pela 7.30 de manhã, con-
versando mais calmo, e de
levantar e hipóteses de que el-
lume remédio este me fa-
zendo mal, nos minha via.
Livremente estarei tal
estágio. Deitaré que vi-
rha tomando das compri-
midos e Halcion por noite

121
e, por conta própria, redigi
para mim e mais a parte do
último livro. Dormi sem
alteração, até 4 horas de se-
gunda, depois a colcha do
madrão. De 22 p/ 3.3, com
a desordem, acordou à 3
horas, e foi de sono. Hoje
diminuí a dose para um
só comprimido. Dormi mal
e acordou entre as 3 h
e com este sem mais sono.

O caso é que quero me li-
bertar do Aleion: sou na Fo-
rta de S. Paulo que o remédio
condiz à violência e for-
ta do meado no Estado
Unido. O próprio Busch
suprimiu o comprimido
de seu tratamento. Vejamos
como fazer a cura.

x

4hs. de 20/2 - 5-5f

foi que não se dorme,
contu-a.

Na noite de 2ª-feira,
telefonei a Prof. Zahedi Mar-
gart para "revelar" o que
pretendia ser uma surpresa:
estava organizando um livro
sobre mim, 70 anos, já espe-
raria correspondência a
diversas pessoas, selecionando
artigos e meu resumo (Chen,
Dutib, Julian ---). Perplexa,
contu que eu também estava
fazendo esse livro.

Com a proximidade do
Carnewal, só poderíamos
nos encontrar base 5/3,

123
por de van e vapor. Mas, em
quase decidia antes, pensei-
va decidia antes: é final,
tinha acompanhado com Re-
nault e Frederico, além de
outros, e havia sentido
em fazer os dois livros, tes
semelhantes.

Telefonei a Zahedi na 3ª
à noite e marcamos encontro
no Centro às 8.30h de ma-
nhã de ontem. Levei uma có-
pia do livro (muito bem or-
ganizado e embelado), agra-
dei sua ideia de me hon-
rar, pelo nome de partici-
pantes de o livro ser impresso
na UFSC e, naturalmente,
convidei, a é escavar a
epistologos. De antenar

que ele já havia solicitado,
tinha um ~~meio~~ ^{um} texto
completo de Raul
Antes, o prof. argentino
da UFSC que foi com
a St. Vezaira. E agora?
Vou com relação, por o
texto nas aulas do vo-
lume.

4/45h - nada e dormir

Depois de ter terminado o
dia (nada) e 2ª parte com a
Ruth, novo relacionamento
e' cuidadoso, passando um
ano. Então ele revelou um
problema de infância - um
complexo de mãe não comigo,
um medo da negação e fazer
uma mensagem que, depois

127
que sempre imaginou. Então
pelo menos ainda cometi a gos-
sena de confimar-lhe que, no ano
passado, não fiz a operação de lei-
mia porque não a queria como
enfermeira! Em guerra não abri
de tudo, não escondi mais nada,
deixei a hipocrisia e a mentira
de fora, pelo menos uma vez me
vilei.

Ela não estava bem, sentia
carimbos, fraqueza, mandei-a
ir ao Dr. Figueiredo que me
telefonou falando em stress e
sintomas, que iria aplicar-lhe
soro (chamativo) e fez-lhe dormir
um pouco. Ficou me dizendo
até 15h. Voltou melhor. Depois
com resaca e a porta lige. Ela
passava que temia um enfarte
mas o médico tranquilizou-a.

23/2 - domingo

Calma total em Campos.
A manhã está nublada e quente,

Ross chegou ontem às 12.30hs,
alugou um Fiat, viu-se
cá com Low, depois fomos
à Floripa, ao spontaneously,
tudo em paz. Falamos com
Celeste em Angelina, incluí-
mos Ross com o seu "com-
muni"; voltamos para Camp-
che, lá pelas 9 da noite fui
dormir - Ross saiu para
encontrar Low.

x

Ruth está só em Floripa,
Celeste está só em Angelina,
Eu estou meticamente só no
Campche.

Tudo em paz, mesmo.

(Não houve mais discussões, sem
desentendimentos entre eu e
Ruth).

23/2/5-f

129

Minha entrevista publicada on-
tem na FSP, John Updike diz
coisas importantes sobre arte e
crítica. Ele veio ao Brasil lan-
çar quatro livros. Falei sobre o lado
positivo e negativo de crítica
(literária, na casa dele), de
energia artística.

uma enorme leitura. O lado nega-
tivo é que isso só lhe ajuda até
certo ponto como escritor. Porque
você não escreve de forma criati-
va quando faz crítica. Se você é
profundamente crítico ao escre-
ver, cada frase estará condenada
antes de ser iniciada. Camus es-
creveu um texto brilhante sobre
um escritor que não conseguia
passar da primeira frase, tentando
torná-la perfeita. Essa idéia de
perfeição não é de grande ajuda
para um escritor. Agora que estou
quase com 60 anos, quero guardar
minha energia para a ficção.

A última frase contém o que
andei tentando fazer, com muita
dificuldade.

Antes disso que considero
comparar a importância de muitos mi-
canicos:

poemas à máquina. Uso um processador de texto mas não para a primeira versão de um romance. Não tenho o silêncio e a modéstia que preciso para ouvir as palavras. Prefiro o lápis e o papel. Escrever um romance é um empreendimento precário.

X

Antun chegou numa carta
de Claire com uma reprodução
do tamarulho de um livro,
sob o nome "Tempos e Desejos".
No texto empolado:
"Quase que se explicou, o que
está a organizar assim é uma
sorte de auto-homenagem". "A
única maneira de lutar bem
é sua imagem futura e es-
crever mais, bem", etc. etc.
"O empolado, qualquer uma
pessoa pode fazê-lo, a qual-
quer momento. Não acha?"
- Deixo, ela tem toda a razão,
mas vou ter um caboti-
smo.

29/2/92

Relato

131

Quando ia começar a escrever,
o telefone toca: era Ross de SP,
para onde partiu ontem. Foi uma
visita maravilhosa, conversamos
muito, passeamos muito, etc.

Telefonamos ontem para Claire
que acabava de chegar de Portugal
onde foi com Berthe e Osmund
para fazerem um livro sobre Portugal.

Antun, depois de ir de Ross, tele-
fonou a Ceres que está no México uni-
tando Francisco, seu filho.

É carnaval. Lá se foi um
tempo de leitura, entre as libi-
dinosas de 3 ou 4 noites. Dinha
bem que não pinto falta. Hoje, são
dias e dias aos autos. Vou com
Ruith para o Campinho, devo voltar
amanhã. Por enquanto, lá me
deixei para ir por muito tempo, mas
há estrutura para alimentação,
transporte local, etc.

7/3/92 - sábado

Celeste chegou ontem à tarde de Angelina, descansada e bem disposta; Ruth seguiu hoje à tarde para Hotel Caldas da Imperatriz, para repensar, depois pretendendo ir a Porto Belo, a seguir, Rio, para reorganizar sua vida. Ross telefonou de Miami, Moana, do Rio, disse que vem dia 14 ou 15. E eu, lancei para fazer a nova reforma na casa do Campeche para ampliar meu quarto de 6m² e fazer uma varanda descoberta de 10 m², para não ver o vizinho que está cobrindo minha vista do mar. Como gostei mais da perspectiva do fundo, não me aborcei tanto com sua atitude.

11/3/92

Ruth não se deu bem com os ba-
nhos de Caldas nem com a comida

do hotel e voltou hoje.

133

Fran de John Updike a propósito de auto-promoção, na F.S. Paulo de hoje:
"Pobre que não é bom para os escritores
em geral pensarem que são estrelas
e saírem por aí falando muito. Estão
fazendo isso aqui porque em um em-
bora a vocação vai esquecer. Mas se
fizerem no Estado Unidos, isso ficaria
conhecido como uma mancha em mi-
nha praxe artística (Vid. Clara).

15/3 Campeche

Logo torcei-me ontem à tarde
depois de passar um dia em Atlix
onde pintei um retrato meu, em
verde e vermelho, que me pareceu
muito bem. E para a tel. hemera-
pura a minha dia 23 que me foi
direito e que será.

O noite de ontem foi ruim, com
dores, sem Celeste, Ruth nem mi-
co, mas é preciso passar por isto.
Isto está bem.

Mãe e Fatima vieram trazer
equi e arrumar as coisas, enovar o
quarto que vai ser remodelado, etc.
Ruth ali ficou só para a original
Arquiteta a fim de saber de mim.

21/3 - sábado - Flórida

Mosai cancelou sua vinda por motivo de doença de irmã.

Estela concordou em dividir as despesas para a ampliação da casa de Campes e Nelson está comprando o material e contratar operários. O quarto ficará 6m² maior e haverá uma janela lateral, aberta, de 2x5m.

Outro, como por milagre, chegou à França 4 exemplares da obra de Lúcio "Le Jardin du Colonel", uma beleza! com o quadro de Elie Hart. Precise no momento (o quadro mede 95x70 cm) para ser posta na exposição de 24 artistas que se realizará em minha homenagem, 2ª feira, dia 23, às 20.30h, na Fundação Prometeus Liberdade. O texto de Clara na contraparte é preciso. Telefone: e ela há de ajudar. Os comitês para a festa estão ficando prontos hoje e Ruth está ao telefone convidando artistas, escritores, etc. Também me

135
mas há outdoors sobre o acatamento que faz parte da emissão de Florianópolis.

Calvo chegou à Belo Horizonte quando dig, veio para Jicar, H. e, tarde, com Loro, chegou à Campes.

27/3 - 6ª feira FLN

A festa em minha homenagem foi um sucesso, dia 23, 4ª feira. Muita gente, muitas obras bonitas, bastante livro vendidos. O livro passou bem, foi vendido 30/50 e assim. Outro à noite houve um pequeno lanceamento no Teatro Alvor e Amarelo.

Dirigiu-se de uma obra enorme, mandei recortes para Clara, Ruth, Cez, etc., e o livro. Clara telefonou dia 24 para saber da festa e há que "Le Jardin" chegará na primavera próxima de abril. A outra obra minha e recorte de "Monologues des Propos".

29/maio/Compêch

Vim ontem pela manhã, a táxi, sozinho. Já estavam aqui Nelson e Fátima, mas não operei a máquina, conseguida por Nelson e entregue a ela. Pela tarde, toda a semana estava levantada, a julgar do envolvimento e outras coisas. Trabalhamos bem e depressa. Depois que as coisas vão, mas um fim de semana e tudo estava em condições de ser re-arrumado, que a confusão opor a geral.

Como movimento - um tanto além, e do voltar. E eu, um pouco, por ser a noite praticamente em claro.

O homem reconheceu o trabalho, a Fátima virá fazer o almoço, como ontem, e tudo bem correr bem.

Amãhã, 2ª-feira, grande alteração no ap. 1101: chego Rodolfo, filho de Estela, para fazer um curso sobre história

137
leira ou turismo, hospedando os amigos, e Ruth deve ir passar os dias em Porto Belo para depois voltar ao Rio. Velform como tudo se acomoda.

7/4 - 3ª-feira Floupe

Don de volta, desarranjo internacional, indisponibilidade geral, pes superindicações, dificuldade de movimento, situação geral. Tudo pouco movimento.

O curso que Rodolfo vai fazer não é o que lhe interessa. Além que depois da Pádua, vai a mais volta. Então foi fazer uma consulta específica. Vale Tudo. Ruth chegou hoje, finalmente, para passar uns dias em Porto Belo, arrumando o apartamento de lá e, na volta, se tudo for possível, mais um pouco OK como, voltar ao Rio. Rito que não quer deixar-me só, mas a situação ambígua. Quando Rodolfo tem de ir ao for, e como estamos mais uma vez sem emprego, e de mais deixar o resto sozinho com todos os serviços de casa. Problemas, chato de vida que nunca se resoluam.

16/4 - 5ª feira - manhã

Campêdo

Estou aqui com Ruth, três pedras
fidei para fixar, telas, etc
etc. Celeste ficou com Rodolfo
em Flonpa, por causa das crianças
mãe de Paizera, segundo explica.

Hoje pela manhã fui fazer aquela
café de 8 às 11; depois precisei falar
com o médico, Dr. Figueiredo. Como
houvera sido demorada, resolvi ir até
uma loja de lã; no meio do
caminho, na calçada de Dr. Moura
Bom, cari. *Wesphal* e aqui
no chão, esticada, "au grand complet",
pouco lã. Mas apressando-me
quero, levantar-me apressando-me no
posto de luz, diante de uma o abat-
fazer, voltar ao médico. Ele acha
que estou fraco porque estou tomando
diuréticos para desinchar os pés --
E assim a vida vai indo, ou se esva-
indo...

Ontem chegaram dois livros recém-

plares de "Le jardin du Colonel".
Perfeito! Ligner vom Clair, filis
de vida, pedindo pelo menos mais
de 100 para o lançamento de 8, em
jornal.

Entre o meio e a alegria, a vida
vai indo, ou se esvaecendo...
—x—

17/4 - 6ª feira - manhã - 6.25 da manhã:

Ontem à noite fui colocar os dois ban-
dos à guisa de porta-cama, na entrada de
terreno, e fui tomado de arrepios de frio.
Váteis: saído, uma pneumonia com o fim.
Dormi pouco quente, apressando-me, abri-me
com cobertor, Ruth deu-me outro quente.
Os entes saíram que com me uma - depois
tomar remédios para dormir, sem dormir
9 da noite, e dormi tranqüilo até 4 da
manhã. Ontem. Deixei bem, com leve
dores no pulmão direito. Li toda a Folha de
S. Paulo que, felizmente, traz muita coisa
interessante (G.P. de Melo Neto, Ruth, Cas-
tano, Rita Paiva, etc.).

O novo quarto é amplo e ótimo, para
que eu tenha muito de suspender a cabeça
(pneumonia) para deixar a luz entrar.
Mas, felizmente, posso dar-lhe perseguição pela
porta que abre para o ar. Mas, como

made a' perfeito, muito me satisfazendo
a passar para o resto da vida porque
Ruth (que gosta de dormir até tarde)
saíra um dos quartos - sem a dispo-
nibilidade.

(Estou com a umê direita um pouco
trêmula a ego que a caligrafia não
tem de cali...).

18/4 - 7:50 h de estudos de Dicionário.

Trabalho na revisão de "O Santo Mi-
guel" desde ontem. Mas não vale a pena
na posterior de "salvar" este livro que
sempre fulgura inexistente, ou não
existe.

Nelson veio ontem para a conclusão dos
trabalhos de eletrônica, complementares de
aranda, revisão dos livros, etc. Estu-
do próximo muito condutivo. Ruth e eu
planejamos voltar hoje, pelo 7 de tarde,
para passarmos a noite com Alberto.

26 de abril, domingo

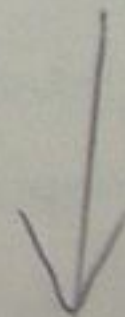
Desde as 2 horas da madrugada
sem conseguir mais dormir. Por
2 a noite. Ruth apressou-se a

insistir, terei um comprimido ¹⁴¹ de
pele, 91.30 h estava na cama. Quatro
horas e meia de sono, nada mais.
Os dias ficam ruins.

Ontem trabalhei bastante na
revisão 1992 de "O Santo Miguel".
Mas não consegui salvar o livro
ou a versão atualizada de 1992. (A pri-
meira versão é de 1982, 12 anos!).
Depois me queria muito, hoje, porque
a melhor maneira a redigir a grafia
tudo para evitar impropriedades de
tempo e espaço, na revisão do ro-
manço Maria-Margarida.

Ruth trabalha no trabalho de
expansão de um artigo de Luís Al-
meida e "Zeno" para incluir em "Tempos
e Ponderações"; para Walf, sobre
primatologia, sobre os vícios; sobre
uma carta para Clara.

Vou tentar ler "O Homem
sem Qualidades". Talvez consiga
redormir...



8 de maio - 92 (02.37h)

Como se não bastassem
todas as mazelas decorrentes do
tempo (idade) e da cirurgia,
nova prova vocal incorpora-
se ao dia a dia: o esquecimento,
já havia notado algumas
anunciações de um terrível
atributo negativo, fiquei
apreensiva, mas, afinal, tudo
seja normal, como não se
aparte e se aprehe. Sua apari-
ção foi dada a propósito de
ida de Nelson e Frutimere a
família hoje, no almoço,
que havia convidado (contis-
ta, entre outros) para a
festa em minha honra-
gem. Como vai a noite no
mesmo dia, o casal não ti-
nia onde dormir, pois o
almoço chegou depois de

143
muito mais e não haviam
transporte para levá-los ao
Rio Tavares, onde moram.
Então ficaram aqui no
apartamento de Floripa o
resto da noite. Passa isto, e
decidi falar com Celeste para
convic-la de sua presença no
turno (ela ficava no café,
no sofá, sem interpor
com ninguém). Na 2.^a
feira, dia 4, de noite, quando
chamei Celeste para propor-
lar isto (pois Ruth vai com
de carro com Sérgio e Pyta
da Fundação Provetas Liber-
tas), ela me disse que eu já
lhe havia falado e que ele con-
cordava. Nada me memora
nada. (anti-

Na madrugada de ontem,

para preencher tempo, escre-
vi algumas cartas: uma
para o crítico Luis Peler
que me mandou uma carta
sobre "Os Jardins..."; li-
lhete e tests para o "Tempo
e Distâncias..." destinados
a Prof. Zaidler; carta
para um antigo compa-
nheiro de M. G., Ronaldo
Rezende. Pois então, não
consegui lembrar que eu
havia escrito esta última
carta, eu sabia que havia
uma carta para um amigo
para quem era. Procurei por
tudo a carta que deu origem
à resposta - mas a encontrar,
claro, pois costumo respos-

745
las depois de respondidos, quando
mas há razões para guardá-
las. Então me lembrei de
Ruth que lembrou haver
posto no correio uma carta
para Maimonides.

Então fui de carro com
Haras que me levou à foli-
nha de Dts da Universidade
para ver uma exposição. Sa-
nham umas 3 da tarde. A-
propósito a carona para en-
tão assuntos. O primeiro, na
"colis postea" procura meus
livros que deviam ter chegan-
do da França. Não chega-
ram. Perí um lançamento
em livros, como se acentu-
ar com Ruth no Rio.

maio-1992

Deixo um exemplar e bi-
outro para Eli que me pro-
metem levá-lo e enviá-lo
hoje à noite: pelo menos
podemos comprar e
editar. Telefonando ou-
tem ao MAF, Zola Man-
guingin (secretária do
Museu do Dto da família)
diz-me que os contos de
França estão em ordem.
Pelo menos terei uma boa
explicação a dar.

Do "act" permano pelo
MAFC. Olvia-se ontem à
noite o Cielo de Maio e en-
guia lá-lo de um porquê
mas me sinto bem bem sair

147

à noite, sinto-me inseguro
e me canso à toa. Tudo
em ordem, bem montado
os espaços: desenhos de
Dado Nuno, esculturas cerâ-
micas de Isabela Chelaki,
foto sobre o "Pantanal" que
nos dá porque queria voltar
para casa. Pelo menos isto
tudo aprenderam. O Museu,
enche um direct, continue
funcionando bem, parece,
negando que a parte de sua
função: mostrar arte. Quem
o vê assim, bem montado,
tudo em ordem, excelente
programa visual, etc., con-
duz que está tudo em ordem.
É negativo sob um ponto de
vista: as "autoridades" de arte

tera ritosdam o melhora-
mento indifferença,
fi' q' está tudo em ordem.
(03.10hs).

Vou ler um pouco do
"Evangelho segundo João
Aristo"; presente de Zaida
que me deu também "Doi-
fins, Clae" (pe-li).

X

10 de maio de 1992
Domingo, dia de mãe, 13hs

Depois de mais um desentendi-
mento com Ruth, que precedeu
a outra mas violenta (em que
eu não tive razão), acordando
nesta-feira pela manhã, de
decidir então a noite voltar
para casa. Reivindicamos então a
hora que deveria fluir pela

249

13.30hs. Fomos e fomos, de
carro com Augusto, Sérgio,
para os homenagens do dia
8, voltamos via Porto Belo
e chegamos na Parada do
Fazenda. Chegamos aqui, a
diversas tumultuadas.

No meio do tudo, um detalhe
felizmente: um bom pedaço de
o apartamento, a pequisa de Celso,
chega logo depois de acordado. For-
ma a nossa presença: Pedro, Celso,
Ruth, eu, Augusto, e Sérgio,
com outros do outro no todo o apor-
tamento...

Pela 9.15 em a Campesina em
como está a pintura que o Vilas
está condenado, e para deixar
Ruth oportuna. Sérgio. Do vil-
tar, por haver sido para o aeroporto
em Teresa, de Muro. Depois

est. liberto cordial, e que
é ótimo.

Harry Fazo votos que se
contas a tranquilidade,
que diges só acontecer
na minha ausência, para
retornar tua vida. Eu,
como sempre me acousel-
has, devo cuidar da
minha.

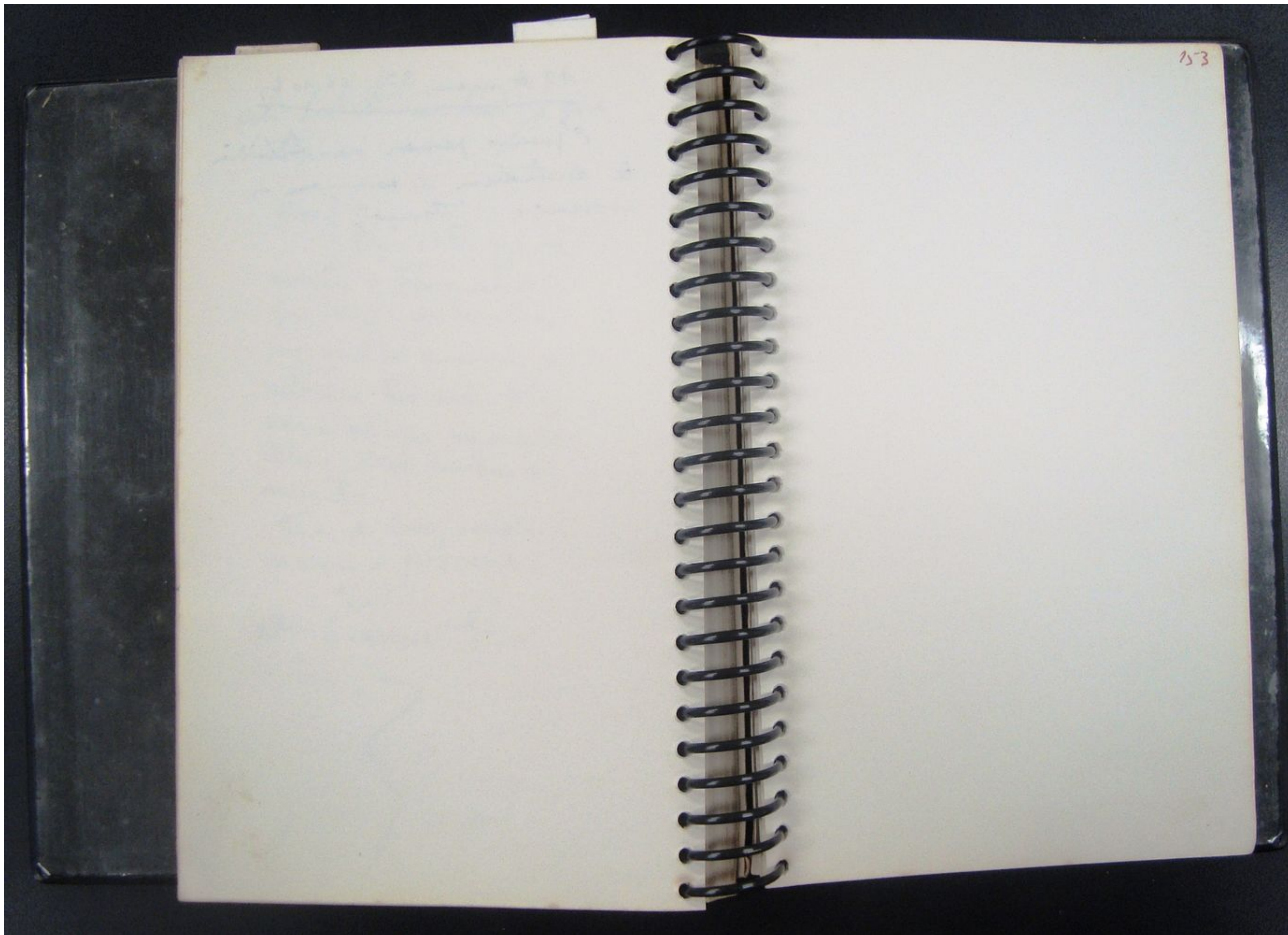
Tudo de bom, saúde,
sucesso e felicidades.

Teu,
Deus te abençoe! R

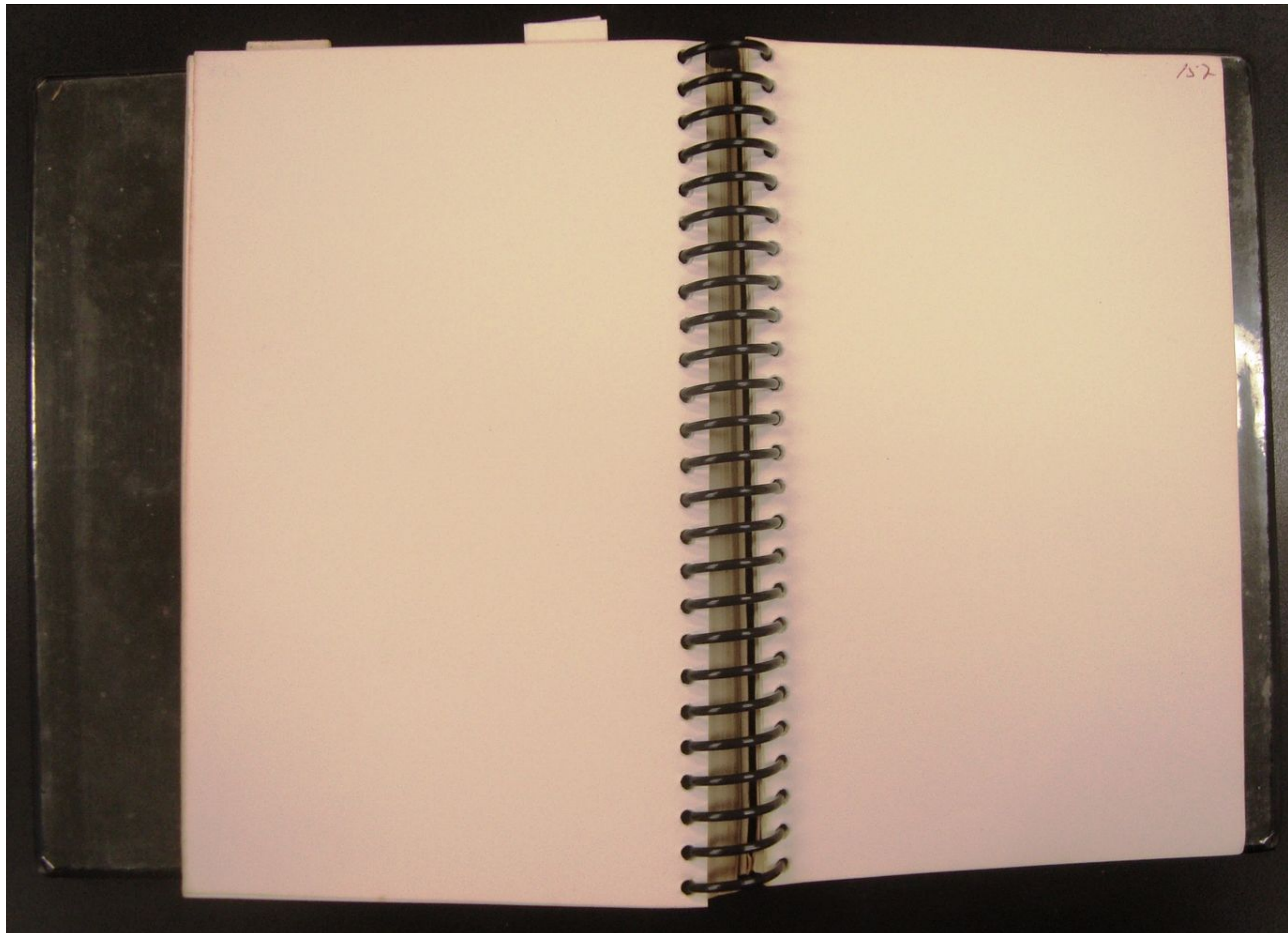
12 de maio, 3ª, 06.10 h

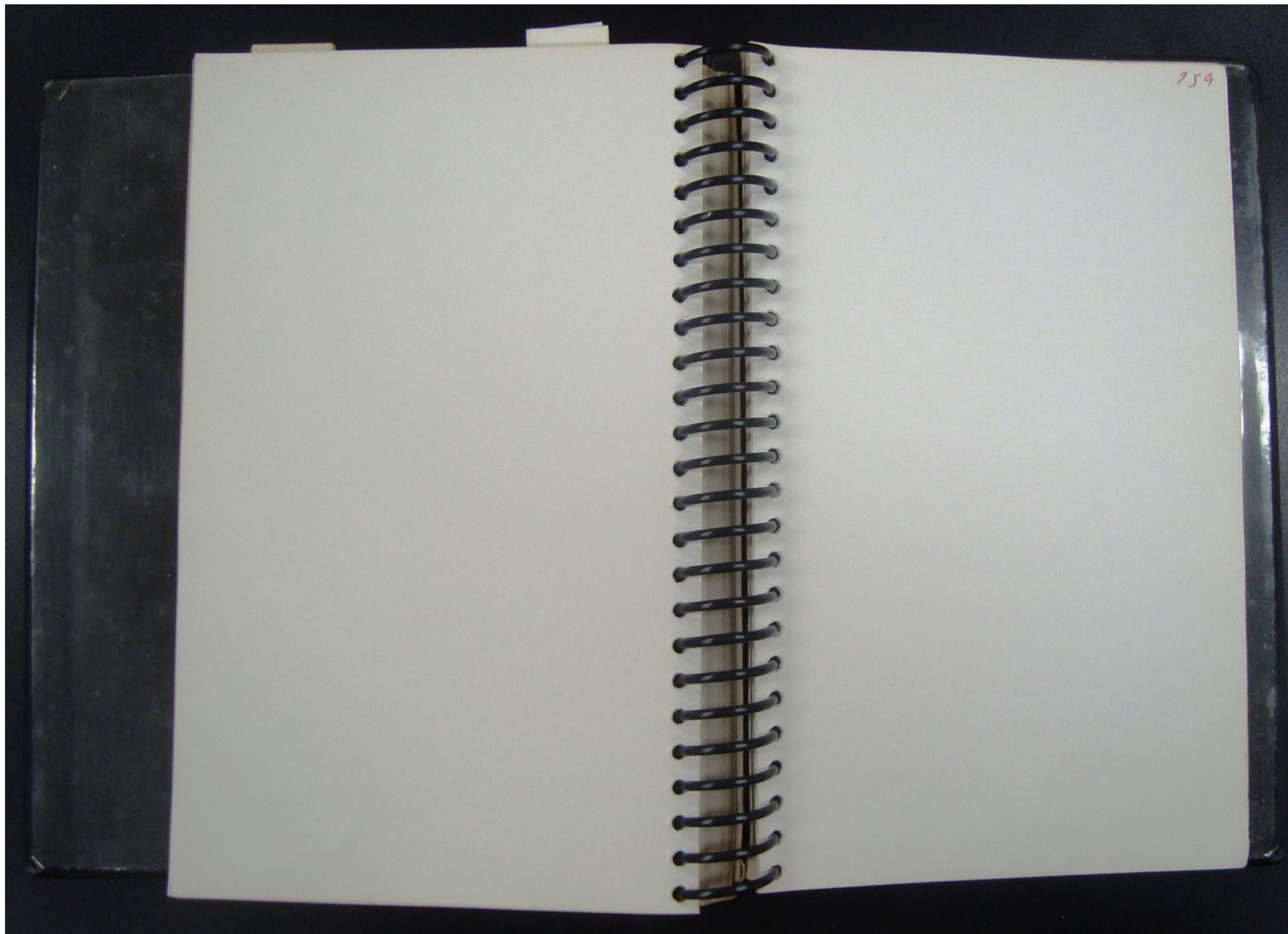
151

É preciso pensar na história
da dentadura e começar a
escrever "Ramos".



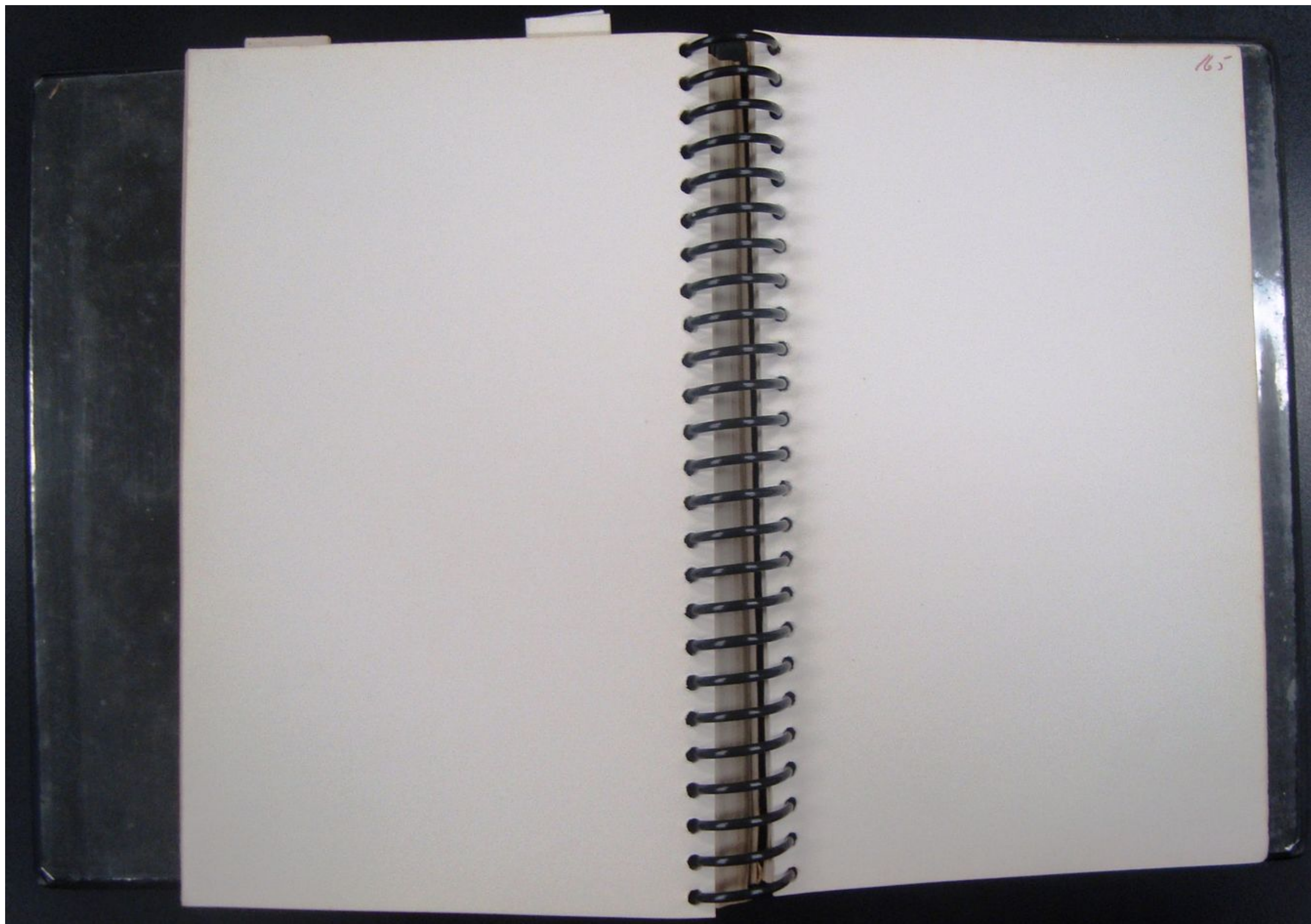








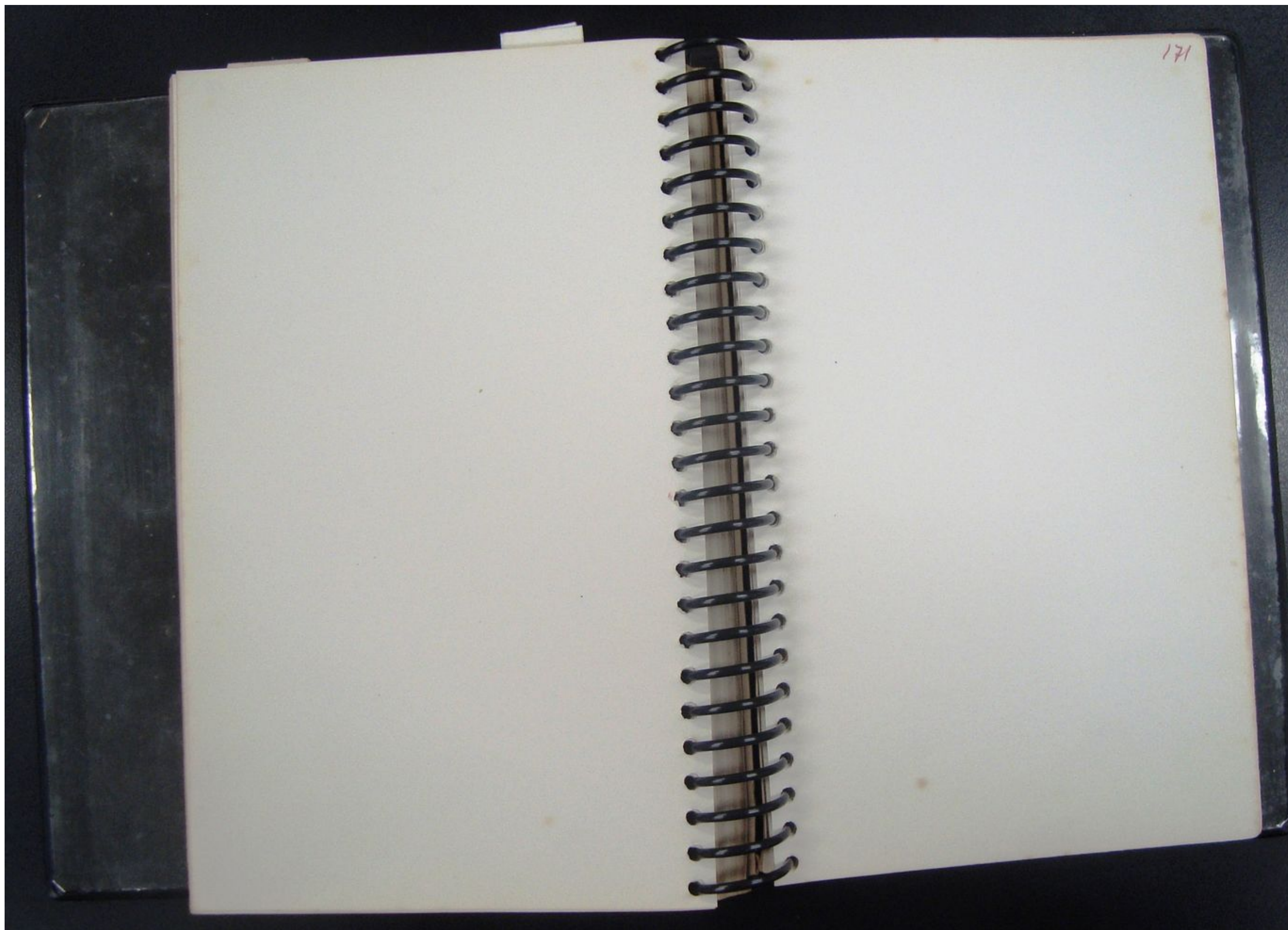














173

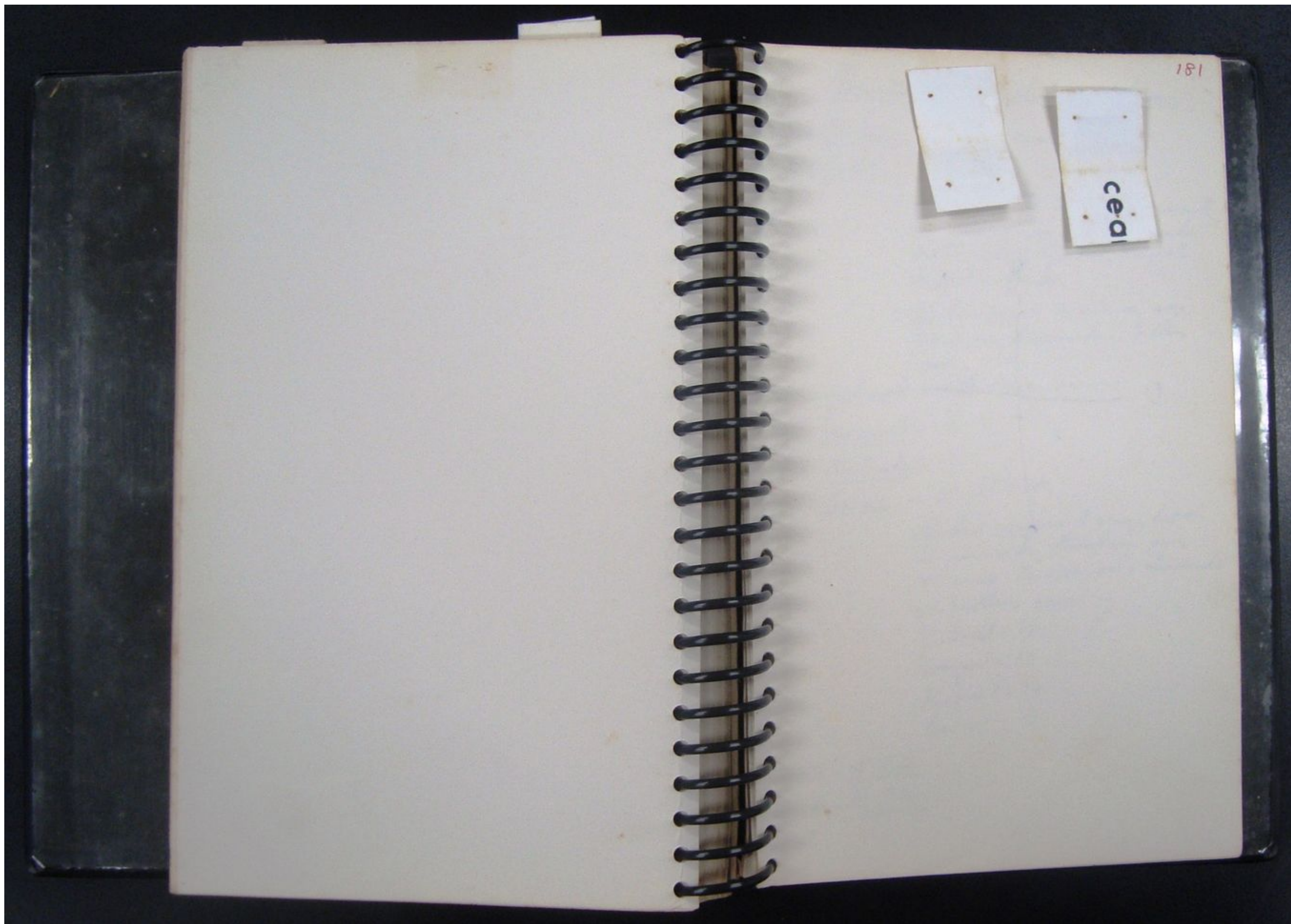
175

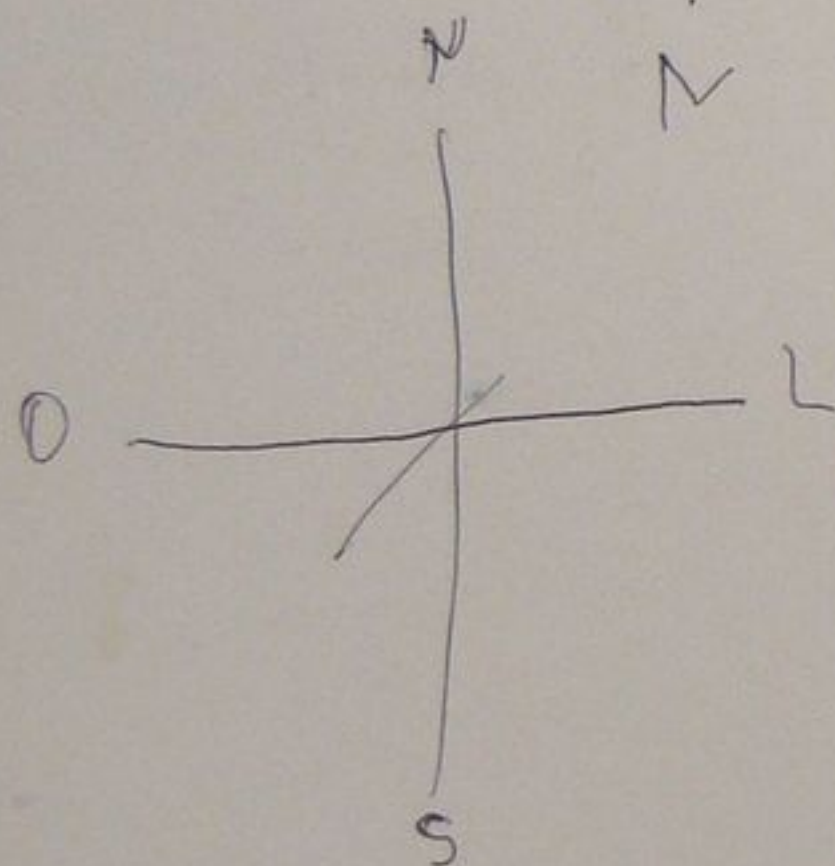




129

729





Personagens e idades relativas

183

1- Dulce, 25 anos, casa-se com

2- Julio, 28 anos.

Marcam 4 filhos do casal,
com dois anos de intervalo
entre eles: Gabriel, Miguel,
Rafael e Jorge.

Julio morre de câncer aos
40 anos, deixando os filhos
com

3- Gabriel - ~~11~~ 11 - anos, vive

4- Miguel - 9 2.^a casa

5- Rafael - 7

6- Jorge - 5 1.^a casa

Dulce morre 3 anos depois
do marido, também aos
40 anos, de câncer, deixando
os filhos com

Gabriel - 14

Miguel - 12

Rafael - 10

Jorge - 8

7- O Trio

8- A Triã

Idades na noite de São João

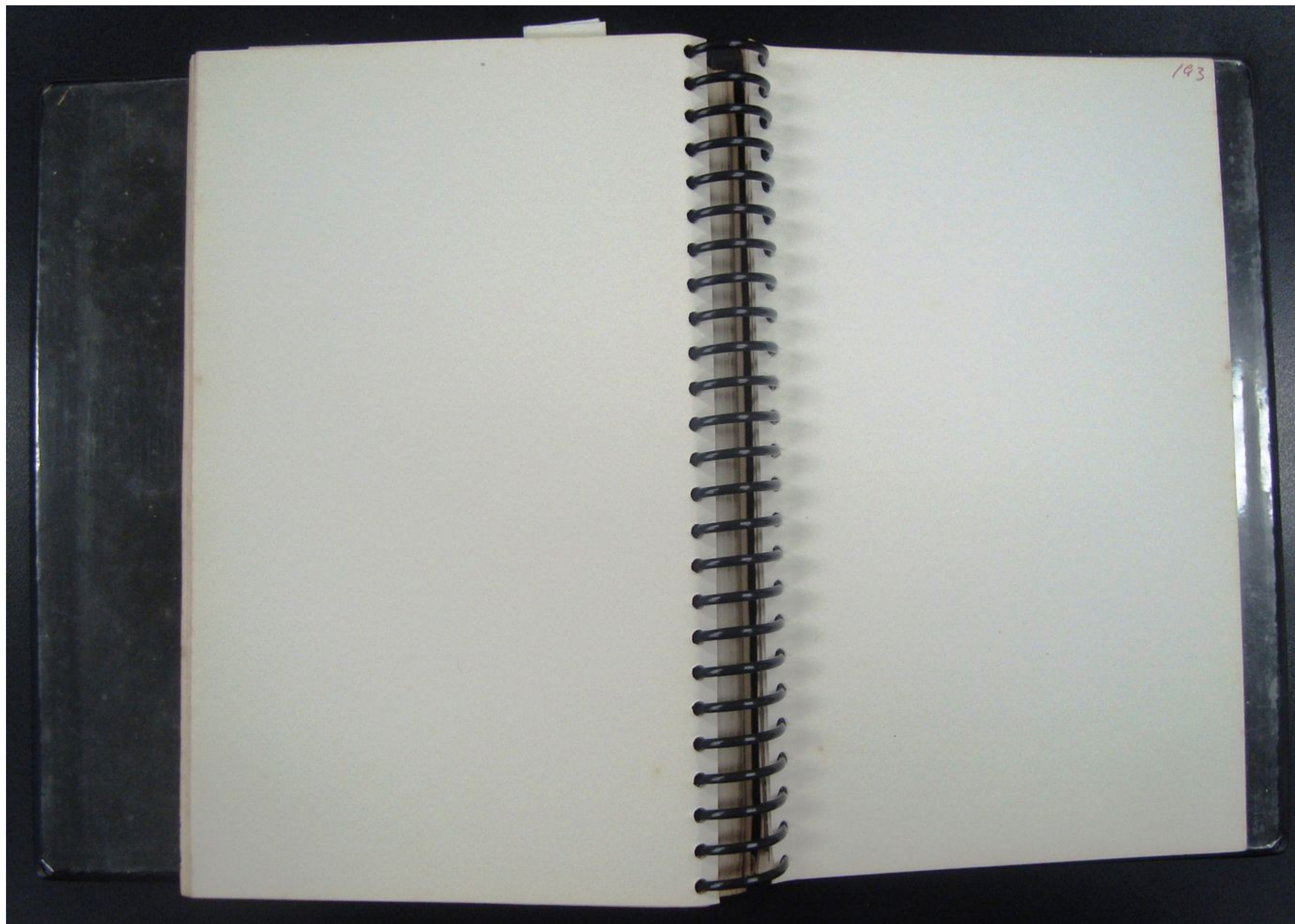
- Gabriel - 38
- Miguel - 36
- Rafael - 34
- Jorge - 32
- Jovem 27 anos que moram o pai
e 24 anos que moram a mãe
- Tio e Tia têm entre 60 e 70 anos

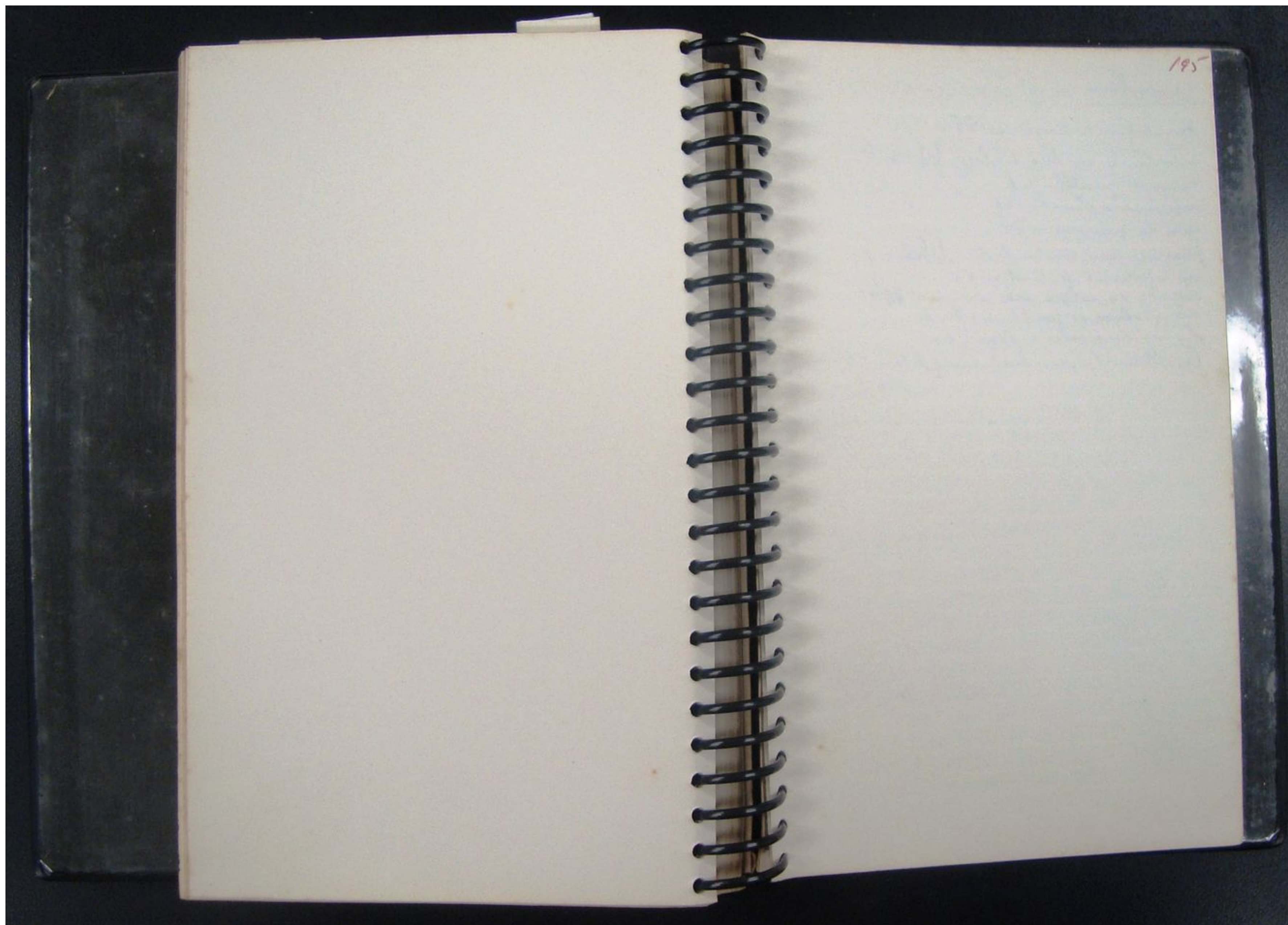
Profissões

- João sempre trabalhou com pa-
rentes da mulher. Vende um
futebol.
- Gabriel trabalha num editora
- Miguel, agricultor em Mato
Grosso.
- Rafael, nunca trabalhou certo,
esportivo, griseira para
crianças.
- Jorge, jornalista

187







Conventino

conseque a casa - 55
visitante amado, dialeto, belica - 66
caso de gravidez - 67
reflexão a Otacília - 68
caso da punição - 70
ficar em casa, comiss. do tou, belica - 79
na representação do Cmt - 89
chegada e a notícia sobre comiss. 89/90
cheio ~~de~~ as problemas: 90/91
tentativa de revelar a Elza - 92
Capítulo 11 - revelação completa - 93/96

nome/endereço/cep 1888 telefone

Zoo Temp. - Peru

Prólogo

mantida o monólogo do feto.
Resolução de 30 - 4

I - Parte 1/1

1 - A primeira lembrança - 13/16

12 Prós - 16

2 - O ponto de Mauro - 22
18

3 - Padrinho
25 Morte de Padrinho - 29

nome/endereço/cep

telefone

4- Olmecaram e Tadinho
37 Es AO de Vitorino - 33
A guerra - 34
Retrato de Tadinho por Olmos - 35

57- Olmos vai ao céu. - 37/39
37 Ida p/ família? - 38

6/- Noite de Natal em P. Fundo
40

II Parte /44

1/- Partida da família p/ Natal. Vines do Rio
45 Os três personagens, lembram uns do
passado. Vines do mar - 42
Medo do Vindeto - 48

2/- Olmos no trem-bidões
49 Topografia - 50
artista e o usado - 51
e mulher do mar - 52

nome/endereço/cep

telefone

panapeiros - 54

3/- A casa de Natal
55 14 anos de Olmos, o n.º 7 - 57
a letra 28 - 57

4/- Divulgação de Olmos, chegada dos telegramas
58 e de Olmosfechinha

5/- Conta a Bernardo: Natal
63 Olmos sobre o português, sobre os
os peixes 64

6/- Conventos - imprensa e de Olmos 66
66 casos de gravidez 67/68
Boca de Bague e a comida 70

7/- A morte de Olmos
72 Olmos 73 (liquor e pap. 10)
A morte - 75

8/- Olmos Digue. Os Olmos. Importância do
78 os os Olmos. O Olmos e Olmos.

nome/endereço/cep

telefone

9/ Dália e Plínio - sexo: 83/84
82 referência à mulher do marido: hipoc. 85

10/ 1949: formatura de Plínio, fala-se na transferência
o caso de 22 de novembro: 87/88
87 chega Conduto, casamento - 89
minimização sobre Plínio usado - 90
Conduto fala em período Escrito - 91
morte de Plínio e Conduto 92

11/ o caso Conduto: 93---
93

12/ a transferência - 97---
97 e util-ínutil: 98/99

13/ o embarque, combinação da separação
de Plínio, Valtom e Elza - 100
100 a lembrança amarga - 101

III Parte / 104

1/ - Valtom em Coimbra, Plínio no Rio, Elza em Foz de Iguaçu
105 lembrança: 108
visita ao túmulo de Plínio: 109

nome/endereço/cep

telefone

2/ - Cda de Plínio a Coimbra: viagem
111 Porto Eschra: 113:
17:50: 115 - os monges e a moça
La Baronesa: 116
os terrores de barba: 117

3/ - continua a viagem
118 Blason: 118 no Vermelho
estilo de Blason: 120
lembranças de Dália: 123

4/ - em Coimbra
125 Plínio visita família - 127
Porto Belo: 127
chegada de Lima de El Fico: 128

5/ - aniversário de Plínio: 21 anos
129 álbum de recordação: 130
La Baronesa, Drana: 131
chega a Drana: 134

6/ - Porto Esperança
136 visita de volta: os Reis: 140

7/ - Plínio volta ao Rio
142 análise dos trabalhos: 143
Drante: 145 (hipoc. c/prop. 8)

nome/endereço/cep

telefone

IV Parte - 146

1/147 - Vinte e Oito
pinturas em Coimbra
primeiras, vitórias
a mais adama a vitória
morte e Curruem Miranda (Filúto)

2/152 - Vitória celebra a conquista
ritual do Exército - 154
o enguerramento - 154, 155

3/157 - Olhos munda - as 1/2 Caputane
e as frotas flocanada - 158
independência e objecto - 158
Aparição Barão - 159
Aparição Perce - 159
pintura de Perce - 161
quem é Perce - 162
→ O rito - 160/164/179

4/164 - Vida de Perce
Pintura de Olhos 165/166
" de Perce 167

5/169 - Vitória, paisagem 169
Dura - 170
Tempo - 170/171 linha 14/
cruzeiro - 173

nome/endereço/cep

telefone

6/174 - Aniversário de Olhos: 28 anos
celebração de Olhos: 174
sufreção: 175/176
repetição temporal: 175
chegada de Perce 176
" de Olhos: 177
fabulação: 178-179
o rito: 179
Barão e Diamantina 180

7/181 - final
Tempo - 183/184.

nome/endereço/cep

telefone

18/4 - litografia e mais S/ Luan
entre 16 e 24 - ? - litografia de Benetton

